



Lousa gr.

A. S. de Paiva.

Simões 188.

O RETRATO DE SOARES DE PASSOS.

Quizeramos pagar inteira uma divida que contrahimos com os nossos assignantes; mas é-nos impossivel. Todo o nosso empenho, todos os nossos esforços, foram, infelizmente baldados. Restava nos, pois, só um meio de provar que da nossa parte havia boa vontade. Era dar metade, já que não podiamos dar tudo. Tinhamos promettido o retrato e a biographia de Soares de Passos. O retrato estava prompto; mas faltava-nos a biographia, e faltava-nos por que dependia de apontamentos que ainda não recebemos. Que haviamos de fazer n'este caso? Demorar um á espera dos outros? Não. Val mais cumprir meia promessa, offerecendo agora o retrato aos hossos assignantes e publicando n'um dos proximos numeros a biographia.

Eil-o, pois, o auctor do *Firmamento*, do *Bussaco*, do *Mosteiro da Batalha*, da *Infancia e morte*, e um dos mais eminentes poetas d'esta epocha. Ahi o tendes, o vate inspirado que enthusiasinou o nosso primeiro historiador! Reparai n'aquella fisionomia e dizei-me se a triste sorte d'aquella grande intelligencia não está ali profundamente gravada? Que intima e suave melancolia transparece naquelle olhar languido e expressivo! E como o talento parece illuminar-lhe a fronte espaçosa! O esplendor da chamma que lá dentro ardia era tanto, que não podia durar muito. Por isso se extinguiu no momento em que mais brilhava. E sentia-o Soares de Passos quando escreveu aquella bella poesia *Tristeza*:

.....
.....
Té mesmo em meu peito vacilla agitada
A chamma da vida perdendo o calor:
Meus dias declinam qual luz desmaiada
Que dojra as montanhas com tibio fulgor.

Se tudo, ah! se tudo findou no passado,
 Se as trévas se estendem no céu do porvir,
 Que esperas minha alma? do livro do fado
 São negras as folhas: só resta partir.

Ao longe quem sabe? Sulcando as alturas
 Jardins mais formosos verás na amplidão,
 De flores eternas, d'eternas verduras
 Que os gélos da terra jámais seccarão.

Temendo os rigores do outomno visinho,
 As aves adejam buscando outros céus:
 Tu és, ó minha alma, qual ave sem ninho,
 Procura outros climas, rasgando os teus véus!

E assim foi! realisaram-se os presentimentos daquella alma!
 Da alma sahiam e a alma lhe mataram! E hoje, n'esta gale-
 ria nacional, que desejava apresentando o nome de Soares de
 Passos saudar ainda uma esperança, registra apenas uma sau-
 dade! — O retrato d'uma sombra! A imagem d'um morto! D'um
 morto, não! Soares de Passos vive! Se foi rapida a sua passagem
 na terra, passando deixou um rasto luminoso que se não apa-
 gará jámais! Sumio-se o homem, mas ficou o poeta. Debaixo da
 pedra funeraria desapareceu o primeiro, mas em cima d'ella,
 ficou um livro, que ha de eternizar o segundo.

Ó poeta! aquelle livro és tu! aquelle livro é a tua vida! A tua
 vida que foi um canto mavioso! um extasis continuo! um so-
 nho brilhante!

Silencio, diante do livro. O que elle val, o que elle encerra,
 pertence á biographia e apreciação litteraria do illustre poeta.

Terminaremos, pois, dizendo que n'estas breves linhas que
 acompanham o retrato foi nossa unica intenção prestar a devida
 homenagem á memoria de Soares de Passos e pagar-lhe o nosso
 tributo de admiração como homem de lettras.

ERNESTO BIESTER.

EMILIA DAS NEVES E SOUSA

(Continuado do n.º 5)

Nos tres annos que durou o seu exilio para fóra do theatro normal, consummiu a nossa artista outros tantos do seu bello futuro. Poucos sabem quanto as magoas, que a dignidade nos obriga a suffocar, nos devoram a existencia; tem-se flores por fóra, mas dentro, na raiz, anda o verme peçonhento; inculcasse primavera para largos annos, e está-se morrendo, senão já morto em grande parte. Que não será então n'uma mimosa sensitiva, n'um coração feminil, n'um animo artistico por excellencia?

O menoscabo, a affronta ao artista, é mais e peor que uma leviandade grosseira e uma covardia vilã, e uma ingratição flagrante, e uma parvoez, como a de quem torrasse as sementes querendo fructos; é, se o não sabem, é, muitissimas vezes, um homicidio. Se, como diz o orador romano, é a honra quem alimenta as artes, e todos nos incendemos na ambição da gloria, avalie-se que bom serviço ás artes prestarão os que matam com menoscabo os seus cultores; os que ignorando quanto a gloria custa de sacrificios, e quanto por isso mesmo se lhe quer, estão sempre mais dispostos a profanal-a que a servil-a; fazem-se uma festa, elles que porventura nem a um rico furtariam um seutil, fazem-se, repetimol-o, uma festa grande de apedrejar em publico o talento e a boa vontade, mal percebem, ou cuidam perceber, que apesar da boa vontade o talento não attingiu o ideal da per-

feição. Deploravel festa em verdade! Ha n'ella o que quer que seja da ferocidade dos Canibaes, que dançam em roda do prisioneiro, e o insultam antes de o matarem. E se a comparação os affronta, em rasão de andarem vestidos, e não pernottarem em cubátas pelas florestas, deixem-se ao menos equiparar á creancinha, que toda se regala em atormentar a pobre da borboleta colhida entre as flores suas irmãs; quebra-lhe os pés, despinta-lhe, rasga-lhe as asas; e se a traz cravada com um espinho ao seu chapeu, quando apparece entre os levianosinhos da sua idade, imagina ter consummado uma façanha.

A nossa actriz nunca na sua já longa carreira experimentou estas sevicias designadas pela ignobil e grosseira denominação de pateadas; a primeira vez teria sido a ultima; podemos-lhe applicar o que do guerreiro mal galardoado dizia Vieira: morria, e vingava-se; mas nem por isso deixou durante estes malfadados tres annos de esmorecer, e talvez até duvidar de si, sentindo-se aposentada, e como que esquecida, em quanto os seus antigos companheiros progrediam, e novas gerações de pequenos talentos se levantavam.

É bom que um escriptor se não contente com inramalhetar phrases; mal por elle, se não aspira sempre a contribuir por sua parte para a vulgarisação de verdades uteis; jardine se pôde e sabe, mas a seara está primeiro. Como o apostolo das gentes mandava prégar a fé, assim se ha-de ir incutindo pelo craneo do povo a civilisação: opportuna e importunamente.

Seguindo pois n'estas considerações, a que uma necessidade do nosso tempo nos conduziu, pela fatal anarchia em que vemos correr os negocios da arte, sem jurisprudencia que valha, nem mantenedor que possa, figure-se cada um a si mesmo nascido com a chamma sagrada para a carreira theatral, e com a entusiastica ambição mais do renome que da fortuna! Viu as agruras que tinha de subir, vestidas de espinhos, ladeadas de precipicios; percebeu, imbuscadas pela fragosa incosta, a inveja, a vaidade, a preguiça, e a ignorancia prestes sempre a apedregar; ouviu as insultuosas murmurações e ameaças dos preconceitos; calculou as tristezas que lhe acarretaria esta especie de excommunhão, cominada outr'ora pela igreja, e ainda hoje pela sociedade, aos professos na scena; não se dissimulou o trabalho certo, asperrimo, ininterrupto, e se não o escaço, o incerto da retribuição. Tudo isto na incosta com que ia investir, com os olhos n'um cume phantastico, onde raros assomam, e rarissimos se demoram! ¿E para lá d'esse cume, que mais viu? viu com a phantasia á luz da historia, que é boa pro-

fetisa, viu a descida, inevitavel, rapida, mais espinhosa ainda que a subida; anteviu-se, como em sonho mau, empuxado por braço occulto por aquelles precipicios abaixo lá para un's abismos escuros e silenciosos, d'onde não ha regresso! Revira olhos aterrados e saudosos para a sumidade, em que apparecêra e desaparecêra... Já lá divisa outro! Barafusta para reascender ao que chamára seu, e que não póde ter dono; até já lhe bastaria não se affastar mais; aferra-se com as unhas aos penedos resvaladios, com os labios e com os dentes aos tojos do precipitoso declivio, e o proprio peso o despega, e a queda se lhe accelera, e na vertigem que o aturde... sempre aquelles cûmes! aquelles cûmes! de instante a instante mais longinquos, mais apagados, d'onde nem já lhe chega o cheiro dos loiros, o reflexo das grinaldas, ou um ecco de tantos vivos! O sol que só doira alturas já para elle transmoutou; sente o frio, as trevas, o desamparo e os terrores da noite, noite que não ha-de ter fim, senhorearem-n-o cada vez mais! Mão nenhuma lhe aguenta por baixo as plantas, que lhe não escorreguem, que o não levem para onde não quer ir; e uma omnipotente mão a carrégar-lhe na cabeça para que role mais depressa; é a mão da natureza, da grande madrastra, a quem chamam a grande mãe! ¿Esta queda de mil quedas irá ao menos parar lá ao fundo dentro em algum tumulo glorioso, para que o nome sobreviva ao desgraçado? vae afogar-se no lodo fetido da valla commum. Nome posthumo para elle?!... elle mesmo sobreviveu ao seu nome; nem essas tres ou quatro sillabas poude testar a filhos, se pôr desventura os teve.

Não lhes aperteis a mão, dirá o vulgo, seu pae era um comediante; um excomungado, um pagão, accrescentarão os fanaticos; um corrompido e um corruptor, ajuntará ainda alguma tartufa.

A gloria para o artista scenico, phantasma que a todos elles negacea, que bem poucos attingem, e nenhum retem segura, difere essencialmente da gloria dos poetas, seus irmãos.

Permitta-se-me citar o que ha poucos dias escrevi ao meu amigo Teixeira de Vasconcellos.

.....
 «Rimos muito com a maliciosa singeleza de perguntar V. E. «que vale um escriptor como V. E. comparado com um artista. «Entretanto, meu caro senhor, a verdade é que o Asaís tinha razão: tudo a final se compensa. Um escriptor como V. E. e um «executante como Lablache ou Catalani, um Quinto Roscio Amerino «ou uma Gazzaniga fazem talvez igual consumo de fama e gloria; «a differença é, quanto a mim, que a celebridade do executante

«é mais condensada em torno d'elle; a do pensador fecundo, «sábio, poeta, seja o que fôr, dilue-se pelas ondas do tempo fóra; «esta vai mais longe, e muita vez ganha a eternidade terrestre; «mas a outra, se finalisa mais cedo, tambem começa muito mais «cedo. O seu mimoso ouve-a, vê-a, respira-a, palpa-a, devora-a «á meza convertida em banquetes, é levado por ella transfor- «mada em coches de triumpho, mora n'ella levantada em palacios «de marmore, espelha-se n'ella retratado em pedra, em bronze, «em photographias, em jornaes. O artista celebre desfructa o seu «morgado em cheio; mas em morrendo apagaram-se-lhe as lu- «zes; interraram-n'ó sem epitaphio; o seu nome era elle mesmo. «O autor illustre pelo contrario expira quasi sempre horas antes «de lhe amanhecer a gloria; para se elle ter em pé e merecel-a, «necessita de a adivinhar; e quantas vezes ainda assim não es- «correrá em suores frios, lembrando-se de quantos se promette- «ram a si mesmos os hymnos posthumos, e caíram de cabeça a «baixo e bala ao pescoço na corrente do Lethes. O padre Vanieri «diz no seu *predium rusticum* fallando de si mesmo:

.....seram vel denique famam
non audituro cineri post fata relinquens;

«e Delille a proposito de Cicero na tribuna de Roma põe este «verso admiravel:

Il écoutait de loin son immortalité.

«O melhor, o mais invejavel de tudo, é um quinhão como esse «que a Providencia despartiu a V. E., que póde contar com as «honras do porvir, e já em vida as está presenceando; accumula «o que ha de mais seductor nos fados do artista, com o que ha «de mais solemne nas ambições realisadas do escriptor.

.....
É realmente assim. O morgado e a benção vão ao escriptor bemfadado; ao artista interprete a refeição apetitosa de Esaú ao regressar da caça coberto de suor.

Concordemos em que alma que tudo isto prevê, ou certo, ou mui provavel, e não obstante se vota á arte, é-uma alma singularmente esforçada, e já por isso respeitavel; mas accrescentemos ainda, que é uma alma poetica, isto é, extremamente accessivel ás dores como aos prazeres, que é dizer duas vezes ás dores; uma harpa interior, que todos os sopros de fóra devem fazer resoar; um coração com a terrivel faculdade de se trans-

formar de improviso em qualquer dos corações martyrisados no campo da historia, ou no da phantasia; emfim não esqueçamos que a esta indole, mais para applausos que para invejas, o proprio exercicio artistico lhe deve refinar a sensibilidade; poderia ser um fogo debil a principio; mas sevou-se e cresceu por força com tudo quanto os poetas crearam de mais sentido apuro para lhe lançarem dentro, e o verem sair d'aquella pira, transformado em resplendores, em calor e em fragrancias.

Se tudo isto sommardes, já podereis rastrear com quanta rasão condemnamos por barbaria e sacrilegio o insulto infligido no logar das ovações, e nas horas em que homens e mulheres se reúnem para o mais civil e humano de todos os recreios; infligido repetimos, a quem para nos agradar sacrificou tanto, que até o proprio ser sacrificou.

Emilia (gostoso o confirmo), nunca jámais teve que desmaiar perante ferocidades d'esse genero; nunca o palco se lhe converteu, como a tantas de subido merito, em arena, e a plátea em tigres e leões; mas angustias não talvez menores, e de quasi identica natureza, bem as amargou de certo durante os seus ultimos tres annos de desterro. E quando não, recordae-vos do que lhe ouvistes na scena por onde incetámos esta biographia.

Foram essas angustias, por mim colhidas dos seus proprios labios, as que eu procurei expressar nos versos que se leram; consegui-o? receio que não. Os seus suspiros, as suas mesmas reticencias, eram muito mais eloquentes.

Oh! (me dizia eu ouvindo-a) quando virá dia n'estas eras, que assim blazonam de allumiadas, quando chegará o dia, que emfim tem de chegar, em que a lei, protectora de todos os cidadãos, proteja por igual os cidadãos artistas! em que o servir na scena ao bello, ao nobre, á historia, á poesia, e aos costumes, cesse de ser opprobrioso! em que se acabe de comprehender que á porta de um theatro se não compra, porque se não póde vender, porque o não ha, o absurdo direito de ir insultar vilamente e em publico, a um homem, e muito menos a uma dama, que se immola para servir e agradar.

Nobilitada a profissão, como lhe cabe, que de vocações artisticas, malogradas até hoje, se não hão-de aproveitar em cheio, medrando a arte, a litteratura, a convivencia, e a civilisação! São ainda reflexões, que eu trouxe da conversação da nossa artista; ou lh'as ouvi, ou ouvindo-lhe outras me nasceram estas no espirito; em todo o caso lhe pertencem, e como taes no seu retrato moral as incorporo.

Lancemos outra vez os olhos aos malfadados tres annos de in-

terrupção na carreira da pobre dama. N'esse largo periodo só a vemos fortuitamente, e de longe a longe, apparecer em algum beneficio pelos theatros secundarios.

Mas n'essas noites o povo corria e se apinhava a applaudil-a; e o palco, antes e depois tão humilde, era momentaneamente illuminado da gloria. Era a amazona nos forçados ocios do armisticio exercitando-se em combates simulados para não perder de todo o uso das suas queridas armas.

A este praso porém pertencem duas das mais memoraveis corôas que ainda até hoje conseguiu; colhidas: a primeira, n'aquella nobre terra do Porto; a segunda, n'aquella terra formosissima de Coimbra.

Reiterados e instantes convites, com propostas das mais opulentas vantagens, a sollicitavam já de muito, e de sempre, para o theatro de S. Pedro no Rio de Janeiro. O empresario, e primeiro actor d'aquelle theatro, o commendador João Caetano dos Santos, ambicionava, com razão, ornar com ella a sua scena; o actor eminente carecia da actriz eminente. Emilia agradecia; mas não podia acabar comsigo que se apartasse para tão longe da terra em que abrira os olhos; sobravam-lhe as saudades do seu theatro; não lhe soffria o animo accrescental-as com as da sua patria; chover-lhe-hiam lá os brilhantes, e tinha aqui a pobreza; mas antes pobreza aqui, á porta surda e ingrata que algum dia se lhe poderia reabrir, do que ir vender a estranhos, ainda que nobres, amigos e generosos, o seu talento; o qual, onde Deus o accendera, dizia ella, ahí se devia consumir.

Pelo seu Portugal, sim, que lhe era doce o viajar. É tão pequenino este bom torrão, que em qualquer parte d'elle estaria perto de Lisboa. Organisa como póde uma companhia, e parte; foragida parece que vai, e não vai senão conquistadora.

(Continuar-se-ha)

A. F. DE CASTILHO

MARTYRIOS OBSCUROS

A moral é a base da sociedade; se tudo, porém, é materia em nós, não ha realmente vicio nem virtude, e por consequencia não ha moral.

MR. DE CHATEAUBRIAND. *O Genio do Christianismo.*

Para o desgraçado, que tem haurido a ultima gota do seu calix com a consciencia segura das agonias immerecidas, resta ainda um lenitivo grande. Deus escutou no calvario o peccador arrependido, e deu-lhe o ante-gosto das delicias do céu.

É quando a alma desgarrada vai acoitar-se espavorida na mansão nevoenta do imprevisto. Esperar, é ter fé e crença. É fugir ao mundo sedento de ouro, e de praseres amargos na consciencia, é buscar com ancia o manjar dos anjos. Bem unico restante ao infortunado, ninguem pôde roubar-lhe este contentamento santificado pelo martyrio, e que se lhe vai infiltrando, progressivamente n'alma, até romper em brados animadores da esperanza. Ai do infeliz, se esta phase fosse uma utopia que só lhe alimentasse o espirito com tantas visualidades creadas, cujo deperecer traria a morte de tantas grandezas sem macula, ás quaes se alla a imaginação depois de conhecido e experimentado o bem e mal, que rege a humanidade

Achava-me eu n'este lance, ha deoito mezes. Pouco antes, rodeada de familia, opulenta de carinhos e affagos, achei-me de improviso nas trevas escuras da orphandade e do desalento. A mão previ-

dente que me amparára dias de existencia, cahia ao longe enfraquecida pela dôr de não segurar as esperanças que fugiam!...

Eu era mãe, e, para faltar a raiva surda e implacavel dos gerados n'um só sangue, sorvia o fel amargoso da separação d'essa parte da minha alma, do meu filho que me enchugava as lagrimas.

Um dia, cheguei á portaria d'um convento quasi em ruinas. Aberta essa porta, que ia roubar uma joia inestimavel ao meu thesoiro d'affectos, arrancaram-me o meu filho de sobre o coração, soffrego d'aquelle bem; apertaram-me braços desconhecidos, onde cahi sem alento, soltando um gemido abafado como em resposta ao chorar do anjo que me estendia os bracinhos atravez das grades.

Nada mais sei. Entre mim e o mundo descêra uma mortalha. Faltou-me a vida. Conduzida em braços á cela que devia habitar, abri os olhos esquecida fitando com espanto tudo o que via e se passava ao redor de mim.

Não havia ali logar para mais gente, e eu, cahindo em mim, achava-me só. Só! n'aquelle mundo de trinta pessoas, que ia assistir impassivel á agonia lenta e desesperada da minha saudade! Em todos aquelles rostos estava escripta a indiferença acostumada a vêr lagrimas queimarem o viço da face. Esta consideração irritou a dôr que me alanciava.

Chamei a abbadessa com um gesto, e pedi-lhe um momento de repouso e de soledade, de que eu contava tirar forças para tamanha afflicção.

Deixaram-me:

Cahi no aquillamento moral, n'aquella atrophia que nos regula o pensamento e a vontade. Chamára antes pela morte, trocára com ella osculo amigo, affagava na mente o refugio seguro das tempestades da existencia, a sonhada eternidade do justo.

N'este cahos de espirito não senti abrir a porta da minha cela, e estremeci ao contacto d'uma mão fria e descarnada, pousando-me na testa ardente onde por momentos passára o delirio. Voltei um pouco a cabeça e vi, em frente de mim uma mulher que avultava pela palidez e marmoreo da face, por onde o esplendor da mocidade devia ter passado ha muito. Aquelle olhar mavioso que brandamente actuava sobre mim, as vestes singelas e magestosas que a enroupavam, tornavam-n'a aos meus olhos e espirito febril, uma visão sobrenatural. Escutei assim, n'um spasma de duvida, a voz tremula que me fallava:

«Pobre creança! não te entregues assim á dôr que mata. Tu choras o caminho percorrido, eu, suspiro pelo final repouso, que já se me vai alongando! Desafoga no meu seio, filha; deixa cair aqui as tuas lagrimas, n'esta urna funeraria velada pelo anjo do infortunio.

«Hoje, não; socega, filha. Amanhã hei de distrair-te os pesares con-

tando-te as minhas acerbas magoas; abrir-te o sanctuario fechado ha trinta e dois annos! Socega... Lá toca a matinas. O côro dos archanjos e a paz do senhor seja contigo.»

No dia seguinte, soavam seis horas no relógio da torre, e eu caminhava ao lado de Angelina, debaixo da arcada do claustro. Sentadas depois á sombra d'uma pereira que sobre nós inclinava os seus fructos sazonados, escutei uma singella historia que eu não pude esquecer: tão branda ás impressões de alheias dores estava a minha alma!

Nasci aqui, em *** de pais honestos a quem por isso mesmo a fortuna adversa e caprichosa perseguia. Era meu pai um homem rispido; poucas complacencias tinha com as moderadas exigencias de minha mãe, que fôra sacrificada a conveniencias de familia. Sempre infeliz, e sempre duvidando dos bens d'este mundo, fallava-me ella sempre a linguagem do ceu, a trazia-me muitas vezes a ouvir missa a este convento, fazendo-me antevêr com um goso de santa que o meu futuro era a felicidade n'este habito.

Cheguei aos quinze annos contente com esta idéa tão affagada na virgindade do coração. Desfaziam-se ao calor d'ella os gelos melancolicos que me assombravam o rosto como a preadivinção do martyrio.

Costumava ir eu passar com minha mãe parte da estação calmosa a uma pequena aldeia distante d'aqui duas leguas aonde possuimos uma modesta casa. Em uma tarde de agosto achava-me só na quebrada de um monte insensivelmente e sem saber como me estava ali. Sentei-me n'uma pedra e olhei o sol a fugir, ouvindo já o piar dorido da coruja nos arvoredos, e mais perto o cantico poetico da natureza a refazer-se de vida. Enlevada nas minhas comtemplações, sobresaltei-me ouvindo o latido d'um cão e a voz d'um homem que o chamava.

N'aquelle ermo era admiravel que um companheiro se me deparasse! Olhei portanto com curiosidade em volta de mim e descobri arredado vinte passos, e caminhando para mim Carlos.

Aqui, Angelina cruzou as mãos no seio, pendeu a cabeça, e cerrou os labios que tinham sorrido tanta vez ao amor e á esperanza!

Reparei eu então n'aquellas feições que deviam ter sido bem formosas; e n'aquelle marfim amarelecido pelo tempo indaguei os vestigios das passadas pompas que tão rapidas nos fogem!

Sentia por esta mulher uma especie de respeitosa estima á mistura com commiseração, sem conhecer ainda até que ponto d'ella era credora. Tinha olvidado por um pouco a intensidade do meu padecer ouvindo-a; pedi-lhe portanto que continuasse, logo que a vi animada.

«Desculpa que me concentrasse um pouco revendo na imaginação esta época a mais saudosa de quantas por mim passaram, filha! Basta,

porém, que te diga que depois d'uma convivencia de todos os dias em dois mezes que ali passamos, nem eu nem Carlos tinhamos mais que o pensamento na paixão que sentiamos e procuravamos os meios de nos ligarmos.

Quantas difficuldades se nos antolhavam!

Carlos era filho d'um rico proprietario, e estava de muito comprometido a casar com uma prima senhora de grandes fazendas; e nada mais se esperava que a sua formatura em leis que elle contava findar antes de dois annos.

Aproximou-se entretanto o tempo da partida, e eu soffri pela primeira vez uma dôr desconhecida e incomportavel.

Não tive animo para a despedida, e caí gravemente enferma. Uma carta de Carlos vinda de Coimbra, e chegada ás minhas mãos por intermedio da minha ama de leite que me presava como filha, fôí o antidoto do veneno que me fa matando. Reanimei-me, até confessar a minha mãe este amor, accusando-me com remorso de o fazer tão tarde. A pobre mulher ouviu-me com espanto, quasi sem poder dar credito aos seus ouvidos, e, depois de indagar a verdade, reprehendeu-me brandamente pela não ter feito sabedora d'esse encontro primeiro que tão fatal podia ser-me, e de todos os meus innocentes passos.

Fallou-me depois na minha antiga vocação e nos desejos d'ella, cuidando o que esconder-me ao mundo era o supremo bem a que eu devia aspirar; e sobre tudo nos projectos de meu pai, que tratava já de recolher-me ao mosteiro por me ver em idade de me ir acostumando á vida monotona, e ás praticas religiosas.

Fiquei atterrada, e Carlos a quem o participei respondeu-me com a sincera pena d'uma alma toda minha e extremamente affectuosa.

Consegui á custa de lagrimas que minha mãe apesar do medroso respeito em que vivia não se atrevendo a contrariar a meu pai, defferisse a minha entrada com varios pretextos; e pude ainda voltar no verão seguinte a esses mesmos lugares que tinha corrido tão descuidada, e apertei Carlos ao coração, esquecida do mal previsto.

Minha mãe sabendo da chegada de Carlos prohibiu-me com boas razões estes passeios, o que me fez concordar com Carlos que me pediu a meu pai.

Seria fastidioso contar-te todos os episodios e lances que pouco e pouco feneceram a flor reverdecida com o orvalho da esperanza. Luctei emquanto pude para fugir d'esta casa cuja só vista me atemorizava. Meu pai, dissera que consentia na nossa união, mas o pai de Carlos instado pelo filho para dar o consentimento, entrára insultador em nossa casa e meu pai, desde esse dia, mais intractavel que nunca, deixou-se possuir de um violento rancor contra mim por causa d'uma affeição

que fôra causa de tal desgosto, e apressava a minha entrada pedindo a supressão do noviciado. Eu, já exausta de animo depois d'uma violenta resistencia, gastava a sensibilidade de minha alma n'um soluçar e gemer continuo até que cahia no entorpecimento de todas as faculdades. Foi quasi neste estado que me arrastaram aos altares onde pronunciei votos irrevogaveis, achando-me freira, e para sempre desligada do mundo onde deixava Carlos.

O infeliz cahiu perigosamente doente, ao mesmo tempo que eu me ia definhando de saudade e das angustiosas maguas de quem já nada espera.

No fim de tres mezes Carlos poude levantar-se do leito, e procurou todos os meios de fallar-me: todos frustrados pôrque não me deixavam chegar á portaria nem á grade. Lembrou-se então da boa velha que já uma vez nos tinha salvado do desalento. Foi ter com ella, e convenceu-a a entregar-me uma carta.

Apoz os queixumes que me dilaceraram o coração, Carlos perdoava-me a fraqueza de não reagir se eu tivesse agora a coragem de me deslembrar que era esposa de Christo, fugindo para os seus braços e trocando por elle os bens celestes.

Eu amava muito, filha! Porque não hei de confessart'o? Depois de momentos de hesitação e de receio, respondi vencida que acceitava, achando porém grandes difficuldades a vencer que depois a ousadia da paixão me fez parecer faceis.

Vês aquella parte do muro-mais alta e reparada?—me diz Angelina, apontando-me para o lado opposto onde nos achavamos.

Era n'essa época muito mais baixo e inclinado, deixando vêr a copa d'uma frondosa oliveira que um pouco o encobria com os seus ramos. Foi por ali que projectamos a fuga a horas do ultimo côro do dia, indo eu em trajes de homem que para este effeito Carlos me mandára. A minha anciedade e sobresalto era grande. Fíngi-me doente para se não estranhar a minha falta, e encommendando-me a Deus, e pedindo-lhe perdão com fervor, fechei os olhos ao perigo que eu já podia prever.

À hora marcada, saí mansamente da cela com a trouxinha do fato debaixo do braço que mudei já na cerca, e encobrindo-me com a rama-gem cheguei ao lugar indicado. Quiz, porém, a minha desfortuna que uma creada esquecendo-se d'uma roupa a vinha n'essa hora apanhar e vendo um vulto que julgou de homem, fugiu gritando. A communi-dade correu ao alarme tropeçando nos meus vestidos que eu tive a imprudencia de não esconder.

Isto bastava a dar suspeitas da verdade.

No entretanto, eu chamava Carlos muito assustada do arruido, e pe-

dindo-lhe que se desse pressa em me lançar a escada. Senti, então encostar a escada ao muro a qual, impellida de fóra e por uma corda que me fóra lançada, pude puxar a mim, dispondo-me a subir com muito medo, apesar das vozes animadoras de Carlos. Já então era perto o clarão dos lumes, e eu sem me voltar accelerava a subida, mas ao mesmo tempo a turbação do espirito embaraçava-me. Quando por fim fá a lançar o pé no ultimo degrau, e já via Carlos de cima da oliveira estendendo-me a mão para a descida, fui agarrada por dois braços. Dei um grito a que respondeu uma exclamação de Carlos, e caí desfallecida.

Fui d'ali levada ao tronco onde estive seis mezes de castigo incommunicavel, e o primeiro a pão e agua. Findos elles voltei á minha cela e foi-me permittido fallar com minha mãe. Soube então que Carlos, perdida a esperança, tratava com affinco nos preparatorios da sua ordenação. Em pouco tempo seria padre.

Senti um impeto de alegria pura! Aquella alma identificada com a minha adoptava o meu sacrificio como seu...

Dois annos depois da minha profissão, estava esquecido o negro episodio da minha fuga, e eu recebia no locutorio pela primeira vez padre Carlos.

Foi solemne aquella hora em que depois de tanto tempo nos viamos tão descuidados como o mundo que sonháramos. Abafados pela grandesa da dôr não houve lagrima expansiva que nos refrigerasse: ambos as tinhamos esgotado!

Passar instantes, o lev'ta chamou-me como out'ora, e conjurou-me a ter animo. Não sei o que lhe respondi, filha; o que é certo é que depois o via todos os dias, e que a minha paixão longe de enfraquecer mais se ateava.

Menos infeliz, só me chamava algumas vezes quando atravez os ferros eu lia nos olhos que me eram vida o brilho do amor impetuoso e ardente, qual era tambem o que me queimava. Outras, porém, esta mesma proximidade irritava a chaga dolorosa da desgraça. Vinham então as horas satanicas da blasphemia, e depois as de inferno, e horror de mim propria.

Assim foi correndo o tempo até que pela morte do capellão, foi Carlos provido n'este cargo; e, sob pretexto da necessidade de estar d'aqui perto, comprou esta casa hoje em ruinas que está mesmo em frente da porta da entrada. Foi grande o meu contentamento com esta mudança ainda, que a maior parte do tempo a passavamos na igreja ou na grade.

Era no fim de dez annos amante extremoso, e um exemplo de paciencia e caridade christã. Quando eu, alma tibia, vacilava na fé, á sua voz, cahia constricta e cheia de arrependimento aos pés do Deus

que elle tão misericordioso me mostrava apontando-me para a eternidade.

Estavamos em 8 de dezembro, dia em que se festeja a nossa padroeira Virgem da Conceição. Havia-me eu levantado n'esse dia á hora de prima com o coração angustiado como se mão de ferro m'o apertasse! Déram dez horas. Tomei o meu lugar no côro junto da grade, ao lado da vigaria e das minhas companheiras de canto.

Vi o sacerdote caminhar serenamente para o altar, e começar o santo sacrificio. Arrobada em não sei que extasi com os olhos fixos na Virgem, deixei vibrar toda a minha voz como se fôra inspirada por anjos... O órgão parou, e eu limpei duas lagrimas consoladoras como o orvalho da divina graça.

Estavamos no fim da missa. Já o acólito mudava o missal, e eu esperava como todos a benção do sacerdote, que, mais que de costume um pouco curvado sobre o altar se demorava. De repente voltou-se, fixou os olhos espantados no sitio da grade onde eu estava; estendeu um pouco os braços, e cahiu fulminado no primeiro degrau do altar.

Eu soltei um grande grito inclinando-me impetuosamente para diante, e da violencia da remetida, que fiz contra os ferros, tal embatê soffri, que desmaiei. D'ali fui em braços, para, pouco depois, ouvir a noticia de que o padre Carlos estava morto d'uma apoplexia.

Era pois sósinha no mundo para soffrer e chorar!

Foi então que me valeu o verdadeiro conforto da religião que eu desconhecêra até ahi embevecida n'outros amores. Aqui tens, pois filha, o viver d'esta mulher, ha trinta e tantos annos! A suspirar pela sepultura como o expatriado.

Ainda hoje chamo Carlos nas minhas meditações, ou nos sonhos que me apresentam o passado; e elle desce a confortar-me. Verdade terrivel é esta, filha! Ha, na terra, corações predestinados para nunca envelhecerem, e sempre amarem na terra ou no céu.

Angelina deixou cahir a cabeça abatida sobre o meu hombro, e eu pousei os labios com piedoso respeito na fronte da martyr.

A. A.

ALGUMAS PEÇAS POÉTICAS

DA

TRAGEDIA JUDITH.

I

O DESCOBRIMENTO DO MANANCIAL

(Judith — 1.º acto)

Prostrada orava! — Subito,
 Suspensa a prece e a mente,
 Occulta voz potente
 Bradar cá dentro ouvi!

«Judith, em pé» — dizja-me —
 «A acção agora é sancta :
 «O esforço audaz levanta....
 «Levanta-te d'ahi!»

E eu levantei-me intrépida! —
 Na funebre cidade
 Cortavam de piedade
 Os ais da immensa dôr!

Por entre espéctros lividos
 Passei ao som dos prantos.
 O povo, todo espantos!
 Por toda a parte, o horror!



Annunciação pint e grav.

Reis. da gravura de Silveira est.



Em vans, ardentes lagrimas
O rosto ia desfeito:
A mão pousei no peito....
Tremia o coração!

Comprimo a fronte!... O espirito
Na angustia relampêa....
Medito.... D'uma idéa
Fulgira-me o clarão!

Fitei da rocha lugubre
Os hórridos negrumes:
Não sei aos érmos cumes
Que força me levou!

Galguei affoita os pincaros
N'uma esperança vaga,
Corri de fraga em fraga....
E o pé não me afrôxou.

Desceu a noite. — Rápida
Segui no ousado intento,
Até, perdido o alento,
Por terra baquear!

Que vezes, refrangendo-se
No alvor da penedia,
Os olhos me illudia
O pálido luar!

Dos rigidos pináculos
Ao campo olhei tremendo....
Negro um phantasma horrendo
Armado vêr suppuz....

Era Holophernes! — Pávida
Ao valle os passos guio;
A um lourçal sombrio
O susto me conduz.

Ali um cisne candido
Na escuridade alveja:
Das pennas, que espaneja,
As perlas faz chover!

Alguma fonte ha proxima!...
 Ergui-me... Novo enleio!...
 Occulto póde o veio
 Sob o areal correr!

Affasto com mão ávida
 O espesso labyrintho;
 No rosto já pressinto
 A fresca emanação!

Em breve topo um cômodo
 De musgos e fragmentos:
 Avanço a passos lentos,
 Inquiro a solidão....

Eis vejo.... Oh! vejo, fêrvidas
 Golphando d'entre rozas,
 As ondas espumosas
 D'um liquido cristal!

Ao céo elevo os jubilos,
 Ajoelho, adoro, e grito:
 «—Bemdicto, oh! Deos, bemdicto
 «O braço do Immortal!»

II

A PROPHECIA DOS MAGOS CHALDEUS

(Holophernes—4.º acto)

Ruge o ar, abre a terra convulsa
 Rubras fauces de ardentes vulcões,
 E abrazadas as rochas expulsa
 Contra as nuvens em mil turbilhões!

Tudo trevas!... o sol apagado!...
 Estridula:n medonhos clarins;
 E, vibrando, este som prolongado
 Vão do mundo aballar os confins!

Vereis novos, tremendos exêmplos;
 Um ruido fatal ouvireis:
 Sobre os povos derrocam-se os templos!
 Vão-se os thronos ao chão sobre os reis!

Velho o imperio decrepito morre.
Um só vulto ficou triumphal
No mais alto da setima torre,
Onde as aras eleva Baál.

Tem na frente o clarão scintillante
De Milytta, o planeta do amor:
Basta o raio da espada arrogante
Para a terra inundar de esplendor!

III

O SONHO DO PONTIFICE

(Elliachim — 5.º acto)

Scismava! — Em pé na rocha, ardente a fronte,
O espirito em delirio,
As mãos erguia, como Aarão no monte,
Fitando o campo assyrio.

Ali, onde mais hórrida se trava
A deshonra co'a morte,
A suprema batalha pelejava
Sósinha a mulher forte!

Carregavam-se em torno as trevas fundas,
E mal, de quando em quando,
Brilhavam longe as flamas vagabundas,
Os arrayaës cursando.

Raros fulgiam, promptos se apagaram,
Do vento sob o açoite,
Os fachos da planura — e sós ficaram
O denso horror.... e a noite!

Gellavam-se-me as veias! — De repente
Longo sôa um gemido,
Qual se o vento ululára tristemente
No valle adormecido.

Logo o céu, todo em fogo, resplandece
Rasgado meio a meio,
E alva desce uma nuvem, que parece
Trazer o sol no' seio.

A pouco e pouco baixa, a luz condensa
 Por divinal portento,
 E paira, e pousa sobre a cinta immensa
 Do immenso acampamento.

Ao fulgôr d'este fóco rutilante,
 Que estrellas emanava,
 Da côr do sangue o pavilhão gigante
 Mais rúbido avultava.

Um anjo a nuvem rompe: traz erguido
 Na dextra o gládio ardente;
 D'esmalte e oiro embraça desmedido
 Um broquel reluzente.

Entre a vívida luz sulca no espaço
 Mais luminosa esteira:
 Pára, ajusta o broquel, estende o braço.....
 E cobre a tenda inteira!

IV

O HYMNO Á PATRIA

(Judith — 5.º acto)

Inclinada, esta espada tremenda
 Ságro ao Templo nas mãos do Deus vivo:
 Involvendo-a no tisso votivo,
 Deposita-a no altar de Syão.

Hão-de, ao vél-a, de furia guerreira
 Transportar-se as phalanges armadas!
 D'honra e patria as scentelhas sagradas
 Nos lampêjos do ferro arderão!

Como um bravo, que o arnêz dependura,
 Para sempre estas galas suspendo:
 Desço ao ermo, e retomo, descendo,
 Solitaria o meu funebre véu.

Ai! mansão de recato e bonança,
 Novamente me abrigo em teus muros:
 Torno aos dias dos extases puros,
 Aos segredos contados ao céo.

Meus irmãos, de Judith a memoria
 Conservae; que a viuva esforçada
 Vêdes hoje de sangue manchada
 Para a honra sem mancha guardar!

Vós, esposas, se os olhos fitardes
 No meu triste, enluctado aposento,
 Não solteis da piedade o lamento,
 Nem as fronte curveis ao pezar!

Vossos filhos meu nome decorem:
 Saibão elles que o céu chama á guerra,
 Se estrangeiros affrontam a terra
 Que nos deu como patria o Senhor!¹

Deus e patria um só fazem, são tudo
 Para os crentes na voz da verdade:
 Não ha patria onde reina a impiedade;
 Quem o culto renega é traidor!

Irmãos caros, se o pé dos infidos
 Nossas plagas calcar algum dia,
 Deus vos olha, vos guarda, e vos guia,
 E eu, Judith, ante vós marcharei!

Parto. Adeus!... Ninguem siga os meus passos.
 Volto a orar junto ao funebre leito:
 Júis não tenho a homenagens que engeito....
 Foi mandato do Eterno o que ousei!

MENDES LEAL, JUNIOR.

¹ Na scena foram assim textualmente repetidas estas strophes: o author porém adopta, por mais energica e fiel, a seguinte variante:

Vossos filhos meu nome decorem:
 Saibam elles que Deus chama á guerra,
 Se estrangeiros affrontam a terra
 Que foi berço, que patria nos é.

Deus e patria um só fazem, são tudo
 Para os crentes na voz da verdade:
 Não ha patria onde reina a impiedade,
 Mal do povo que vil muda a fé!

GALERIA DE NAVEGADORES CELEBRES

IV

Abel Tasman

Na historia gloriosa dos descobrimentos maritimos e navegações ariscadas, ha lugar para os filhos de todas as nações; e se os portuguezes foram os primeiros, entre os povos modernos, a devassar mares desconhecidos, e buscar novas terras do outro lado do Athlantico, não querem, á conta d'essa iniciativa, privar os demais povos do seu quinhão de gloria naval, antes se comprazem, com a lealdade fraterna de homens de mar, em repetir as acções de estranhos, que longe de obscurecer, dão realce ás façanhas dos nossos lusiadas.

Encetámos a exposição d'esta galeria de navegadores celebres com o retrato de João Ross, o infatigavel capitão inglez, que vagueou quatro annos nas solidões do Arctico, e descobriu o polo magnetico, ácerca do qual tantas fabulas se haviam urdido; depois esboçámos o perfil do immortal Queiroz, portuguez de nação, embora alcunhado de hespanhol por varios historiadores de nomeada, o primeiro que investiu com os gelos do Antartico; e collocámos em terceiro lugar o circum-navegador Bougainville, honra dos nautas francezes, e tão distincto pratico das coisas de mar como homem de sciencia e fino tacto litterario: hoje, com o mesmo espirito cosmopolitico, vamos contornear o vulto do illustre Tasman, navegador hollandez do seculo XVII, rival dos Colombos e dos Magalhães.

Deixando aos seus biographos a tarefa de coordenar e esclarecer as noticias, pouco averiguadas, dos primeiros annos da vida d'este cele-

bre capitão, e provas de capacidade para commetter grandes empresas que dera no seu tyrocínio marítimo, vamos acompanhá-lo na primeira viagem que lhe grangeou bem merecida fama, e ao cabo da qual legou á posteridade um nome immorredoiro.

Abel Jansen Tasman partiu de Batavia, capitaneando os navios *Heamkerk* e *Zee-haen* no dia 4 de agosto de 1642, em direcção ás terras austraes, com ordem de proseguir na série de descobrimentos encetados por Queiroz¹ n'aquella, tão pouco conhecida, porção do globo.

Tasman chegou á ilha de França no dia 5 de setembro do mesmo anno, d'onde só largou para o Sul a 8 de outubro, por não soprar vento de feição durante aquelle tempo; mas saltando então ao noroeste, que era favoravel ao seu projecto de navegação, achou-se com vinte e um dias de viagem na latitude austral de 45° 47'.

Bordéjou n'estas alturas por muitos dias, sem deparar com vestígios de terra, mas a final deu vista de uma costa não explorada, a que deu o nome de *Terra de Van-Diemen*, em honra de Antonio Van-Diemen, governador geral da India hollandeza.²

Tendo ancorado em uma bahia, que baptisou com o nome de *Frederico Henrique*, arvorou nas suas praias o pavilhão da Hollanda, em signal da posse do terreno para o stathouderato ne-erlandez, porém não se atreveu a penetrar no paiz, por encontrar repetidas pégadas de animaes ferozes.

A terra descoberta era uma ilha visinha da Nova-Hollanda, á qual a posteridade, quasi sempre justa e generosa, mudou o nome de *Van-Diemen* no de *Tasmania*, commemorando o nome do seu descobridor. Porém a Hollanda nada lucrou com o achado, e o paiz encontrado ha dois seculos pelos seus navegadores, está hoje colonizado pelos inglezes, que ahi fundaram a cidade de *Hobart-town*.

Os navios hollandezes partiram d'alli em busca de novos descobrimentos no dia 5 de dezembro, e logo a 13 do mesmo mez enxergaram uma terra alta e montanhosa, á qual o chefe da expedição impoz o nome de *Terra dos Estados*, em honra dos Estados geraes das Provincias-Unidas, e que hoje é conhecida em todas as cartas pela denominação de *Nova-Zelandia*.

Tasman communicou com os habitantes d'esta região, mas teve a lamentar a perda de algúns de seus companheiros, barbaramente assassinados pelos indigenas, sem que tivesse havido da parte dos neerlandezes nenhum genero de provocação; o mau tempo não lhe per-

¹ Vide o n.º 11 do 1.º vol. d'esta Revista.

² Recueil de Frederic Bernard. Amstardam, 1738. — Fez-se o descobrimento da terra de Van-Diemen no dia 24 de novembro de 1642.

mittiu demorar-se para vingar a morte dos seus marinheiros, e penetrado de tristeza deixou aquelle logar de carnificina, dando-lhe o odioso nome de *bahia dos Assassinos*.

O descobrimento da Nova Zelandia tambem não aproveitou aos holandezes, que deixaram de explorar as suas costas; e só ao cabo de 127 annos aportou alli outro europeu, o intrepido capitão Cook, que visitou cuidadosamente os seus portos, e reconheceu que a *Terra dos Estados* de Tasman era dividida em duas grandes ilhas, separadas por um canal de quatro a cinco leguas de largura, que ainda hoje conserva o nome de *Estreito de Cook*.

A 6 de janeiro de 1643 descobriu Tasman a *ilha dos Tres-reis*, depois a de *Pylstaarts*, as de *Amstardam* e *Rotterdam*, já muito ao Norte da Tasmania e da Nova-Zelandia, e descendo até 19° 17' Sul, achou-se entre um grupo de ilhas, conhecido pelo nome de *archipelago do Principe Guilherme*. D'ahi, mudando de rumo, foi dar vista das ilhas de *Anthony-Java*, e no 1.º de abril costeava a Nova-Guiné, já então reconhecida por navegadores hespanhoes e portuguezes.

N'esta paragem sentiu Tasman e a sua gente um tão forte tremor de terra, que julgou ter batido com os navios contra alguns rochedos; e salvos d'este imaginario perigo seguiram o *Heamkerk* e o *Zee-haan*, bordejando n'aquelles aparcados mares, e visitando as proximas ilhas, já exploradas por Schouten e Le maire, até que, no dia 15 de junho do mesmo anno, aferraram de novo o porto de Batavia, na ilha de Java.

Tasman ainda empreendeu segunda viagem ás regiões da Oceania, em 1644, porém o governo hollandez, cioso dos seus descobrimentos, que queria occultar ás vistas ambiciosas das outras nações maritimas, não permittiu a publicação do roteiro d'esta nova tentativa.

Todavia, Abel Tasman, o mais illustre dos navegadores batavos, não carecia de novos titulos de gloria, além da exploração de Van-Diemen e Nova Zelandia, para deixar o seu nome ligado aos dos mais celebres navegadores do Oceano Antartico, — de Magalhães, que descobriu a Terra do Fogo em 1520, — de Saavedra, que reconheceu a Nova-Guiné em 1528, — de Mendana, que encontrou as ilhas de Salomão em 1567, — de Drake, que deparou com a Nova-Albion em 1579, — de Queiroz, que enxergou a Terra do Espirito Santo em 1606, — de Zechaen, que dotou o mundo com um terceiro continente, a Australia ou Nova Hollanda, em 1618.

F. M. BORDALO.

OLINDO E SOFRONIA.

(Fragmento de uma traducção inedicta da Jerusalem Libertada de
Torquato Tasso.)

CANTO 2.º

Emquanto se apercebe para a guerra
O crú monarcha, ante elle se apresenta
Um dia Ismeno, o qual de sob a terra
Póde os mortos tirar, e os aviventa,
Ismeno, cujo carne tudo aterra,
Pois o proprio Plutão no Orco amedrenta,
E os seus demonios a servir obriga
Como escravos, que prende ou que desliga.

Este que foi christão Mafoma adora,
Mas, os ritos primeiros conservando,
Muitas vezes as leis, ambas, que ignora,
Mistura em uso illicito e nefando.
Das fundas espeluncas, onde mora
As artes suas longe praticando
Do vulgo, vem agora, no perigo
Commum de cruel rei pessimo amigo.

Senhor, diz elle, sem demora chega
O vencedor exercito temido;
Mas, se o que nos convém fazer se emprega,
Do mundo e céo o forte é soccorrido.
Que tudo tu proveste ninguem nega,
De chefe e rei o officio has preenchido;
Façam todos o mesmo, e a gente impura
Esta terra haverá por sepultura.

Eu nos p'rigos serei teu companheiro,
 Que venho nos trabalhos ajudar-te.
 No que a idade servir de conselheiro,
 Ou a magia em mim pôdes fiar-te.
 Os anjos que do céu foram primeiro
 Até na minha obra terão parte.
 Onde pretenda começar o encanto,
 E de que modo te direi emtanto.

No templo dos christãos occulto fica
 Um subterraneo altar, e ahí guardado
 O simulachro jaz da que publica
 Deusã e mãe do seu Deus o vulgo errado.
 Brilhando sempre está lampada rica
 Perante elle, da vista é recatado
 Por um véo, ao redor pendem mil votos
 Que lhe offertaram credulos devotos.

Pois esta imagem deve ser tirada
 D'alli, por que tua mão propria a transporte
 Á tua alta mesquita consagrada;
 Que eu formarei encantos de tal sorte,
 Que o tempo que estiver assim guardada
 D'estes muros será a guarda forte,
 E inexpugnavel fará o teu imperio,
 Seguro por tão novo e gran mysterio.

Assim o persuadio; impaciente
 Corre á casa de Deus o rei tyranno;
 Os sacerdotes força, e irreverente
 Lhes rouba o simulachro soberano,
 E ao templo onde o céu continuamente
 Com suas preces irrita o leva o insano,
 Em o qual contra a Mãe de Deus divina
 O magico em blasfemias desatina.

Mas quando appareceo o novo dia
 Aquelle que guardava a casa impura
 A imagem não achou onde existia
 Antes, e em toda a parte em vão procura.
 Logo previne o rei, que, mal o ouvia,
 Contra elle se levanta em raiva dura,
 E imagina que algum christão houvesse
 O roubo commettido, e o escondesse.

Ou foi de não fiel obra piedosa,
Ou porque n'isto o céo se demonstrára,
Não querendo que a sua gloriosa
Rainha tão vil tecto acobertára.
Incerta a fama é se milagrosa
Obra ou vontade humana o praticára;
Mas a piedade diz que o zelo ceda,
E tamanho milagre ao céu conceda.

Manda o rei procurar por toda a parte
Casas, templos; a tudo a raiva o obriga;
Castigos, grandes premios já reparte
A quem o réo e o furto occulte ou diga.
Não deixa de empregar a sua arte
Ismeno, mas de balde se afadiga;
Que lhe escondeu a celestial vontade
A obra que o céo fez ou a piedade.

Depois que o rei cruel vio occultar-se
O crime que aos christãos elle assacava
Sentio o odio seu incendiar-se,
E de colera inteiro se abrasava.
Todo o respeito perde, que vingar-se,
Custasse o que custasse, desejava.
Morra, dizia, morra a infiel gente,
E o roubador com ella juntamente.

Pereça o innocente, o justo acabe,
Mas não se salve o réu. O que é que eu digo?
Todos culpados são, quem é que sabe
De um que do nosso nome seja amigo?
Se d'este crime a algum culpa não cabe,
Bastem crimes passados ao castigo.
Sus! vassallos fieis, a fogo e ferro
Vingae-me, e castigae o commum erro.

Assim ás turbas diz. Eis se propala
A fama entre os fieis em continente,
O coração a todos já se abala
Com o temor da morte que é presente.
De fugir ou de supplicas quem falla?
Escusar-se quem ha que o ouse ou tente?
Mas á tímida gente donde tinha
Menos esp'rança a salvação lhe vinha.

Havia entre elles uma virgem pura
 De magnanimo e nobre pensamento;
 Só da belleza ella cuidar procura
 No que serve á virtude de ornamento,
 E o que mais lhe realça a formosura
 É esconder o seu merecimento
 No retiro, onde foge dos louvores,
 E d'aquelles que faz morrer de amores.

Mas o que ha que velar possa a belleza
 Que é digna de ser vista e contemplada?
 Não o consente amor; fóra crueza,
 Antes a faz de um joven desejada.
 Amor, tu contra quem não ha defesa,
 Cego e Argos, co'a vista assim vendada,
 Da virgindade no guardado asylo
 Fizeste-o penetrar para feril-o.

Elle Olindo, Sofronia ella se chama;
 Da mesma patria e fé qualquer procede;
 Se ella é formosa, elle é modesto, ama
 Quer muito, pouco espera e nada pede;
 Nem sabe ou dizer ousa o amor que o inflamma;
 Ella ou desprezo apenas lhe concede,
 Ou não o vê, ou mesmo o não conhece.
 Por esta sorte o misèro padece.

Ouve-se emtanto a nova, e que se apresta
 Em damno dos christãos atroz ruina.
 Ella, que é generosa quanto honesta,
 O modo de livral-os imagina.
 Se a coragem tal feito lh'admoesta,
 Ao contrario o pudor virgineo a inclina;
 Vence a coragem, antes, vergonhosa
 Se faz, e envergonhada é animosa.

Baixa a vista, de um véo coberto o rosto,
 Só, atravez do povo se encaminha;
 Nem quanto é bello occulto nem exposto,
 Com modestas maneiras nobre vinha.
 Do desalinho e adorno era um composto;
 Obra d'acaso ou d'arte? se amor tinha
 Feito co'a natureza e o céu propicio
 D'aquelle desadorno um artificio!

(Continúa.)

J. RAMOS COELHO.

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

É por estes tempos, a que nos vamos referindo, que começa a florescer e fructificar em todo o seu viço e esplendor a juvenil imaginação do cantor da *Primavera*.

Entre os divertimentos da mocidade academica, cultora das letras amenas, figuravam em primeiro logar aquelles innocentes jogos de espirito, em que as musas adolescentes se exercitavam e mediam as forças, preparando-se para mais alentadas e duradouras composições. Eram os *outeiros*, verdadeiras justas poeticas, em que os engenhos discretos enlaçavam a poesia ligeira com o culto cavalleiroso da mulher.

Eram então em moda os *outeiros*. As escolas rivaes, em que os fanaticos das musas, andavam repartidos na academia, os elmanistas e os philintistas, os conservadores das constituições velhas do Parnaso, e os revolucionarios da anarchia romantica, os que nos valles deleitosos de Tempe, sob o sol radiante da Grecia erguiam os seus altares á poesia, e os que entre as brumas do norte e os gellos da Scandinavia iam buscar na melancolia o ideal das suas concepções, todas as parcialidades adversas se congregavam em boa paz no territorio neutro dos *outeiros*. Era então grossa a phalange dos poetas academicos. Muitos dos que foram depois engenhos mimosos e applaudidos, outros que figuraram ao diante na vida publica, luziam como poetas nos

certames de Coimbra; Castilho e Garrett, José Maria Grande e José Victorino Freire Cardoso da Fonseca, os irmãos de Castilho e alguns que no tracto dos negocios trocaram as musas pelo menos glorioso trafego da vida positiva.

O outeiro era ao mesmo tempo uma solemnidade religiosa, uma ostentação poetica, e uma verdadeira parada do amor platonico. Diante do mosteiro, adornado com todas as pompas de uma festa, ao repique dos sinos, ao estalar das girandolas, em dia de abadessado, accorriam os poetas a celebrar a eleição monastica com todos os primores do seu talento. Era para ver como o mosteiro, esquecendo naquelles dias a austeridade da regra seraphica, ou benedictina, fazia em pequeninos peccados, que mal chegavam a veniaes, algumas timidas concessões á elegancia da sociedade, como as Thebaidas solitarias contemplavam complacentes a juvenil população, a ondear, sob as janelas da clausura, como as esposas de Christo volviam os olhos ao mundo, a suspirar e anhelar na turba dos cantores um esposo profano e folgasão. A igreja abria as portas de par em par. Todas estas artes delicadas, que fazem de um convento de monjas uma officina de primorosos artefactos feminis, conspiravam a engalanar e embellecer o interior do sanctuario. Os altares ostentavam as mais decorosas coberturas. As imagens deviam á sollicita devoção das freiras habilidosas a garridice de suas vestiduras, com que ás vezes pareciam affrontar-se na sua evangelica pobreza. Santo Antonio e S. Francisco, os mais implacaveis antagonistas das vaidades mundanas e os mais austeros desprezadores da carne, deitavam naquelles dias seus mantos de mais que religiosa galhardia. Os ramos naturaes e artificiaes enfloravam as mais modestas capellinhas. O sineiro conventual estreitava então as suas mais ruidosas, — nem sempre cadentes, — ás vezes profanas partituras. As freirás jubiladas nas artes de conserveira, exauriam a imaginação e o assucar em arrojadas combinações de deliciosas gulodices. As grades abriam-se e a clausura relaxava um pouco os seus rigores habituaes. As monjas todas alegres e felizes, descingiam o cilicio, as já idosas e achacadas rememorando os dias, em que a sua formosura incendera o estro de antigos vates, as adolescentes phantasiando-se cada uma talvez uma Heloisa sentimental sem os atroztes infortunios do seu ardente adorador.

Todo o dia se passava em desenfadados da monotona vida monachal, em colloquios á grade, em quanta largueza permittiam os recatos da clausura, em trocar de conceitos e de requiebros, em galanteios convencionaes, em mirradas ternas, em suspiros

meio dissimulados, servindo de pontuação aos dialogos, e de acompanhamento ás effusões do coração uma saraiva copiosa de rebuçados, que excediam o voto do velho Horacio, visto que no animado locutorio em vez do estricto *utile dulci*, era sempre o doce extenuante dos amores que se mesclava ao doce reparador das bandejas conventuaes.

Quando as primeiras sombras da noite desciam sobre as torres do mosteiro, principiavam as justas dos poetas. A uns trazia-os ali a esperança de luzirem os seus talentos, a outros o instincto juvenil, que busca em toda a parte distracções; alguns não andarão errada a chronica, se referir que mais do que a fama, os convidava o appetite áquelle bodo franco de abbaçial confeitaria. Batiam-se então as palmas, pediam-se os motes, choviam os conceitos arrebicados, as allusões amorosas, os reptos do amor, dissimulados na innocencia de uma colchêa. Accendiam-se as imaginações, tumultuava o estro, succediam-se os vates na porfia, voavam as decimas e os sonetos, e a alegria dos mancebos fa accordar nas monjas novas os risos da idade juvenil.

Castilho era infatigavel nestes bizarros combates de imaginação. A improvisação era-lhe facil e os versos saíam correctos e fluentes daquella phantasia, ainda agora accessivel a todas as excitações do enthusiasmo, então, no frescor da adolescencia, prompta a inflamar-se a cada instante sob o influxo do amor e da poesia.

Porque buscavam os outeiros com uma singular predilecção a portaria e a grade dos conventos? Porque é que os poetas se arrebatavam espontaneos diante daquelles retiros consagrados á virgindade? Que singular encanto os attraía ali?

Os mosteiros, que são hoje uma duvidosa instituição no mundo social, tiveram sempre na scena da imaginação um logar privilegiado. A poesia, penetrando a clausura, deleita-se em devanear n'aquellas mulheres, roubadas ao amor e á sociedade, as mais apaixonadas formosuras e as mais romanescas exaltações. Imaginae por uma noite amena que sois transportado a uma paisagem de montanhas. Illuminae a scena aqui e acolá com os toques prateados da lua cheia. Tornae bem ensombrados os declivios dos valles e as anfractuosidades mais profundas da serania. D'entre um massiço de choupos centenarios fazei surgir um mosteiro de veneranda antiguidade, um Lorrão, um Fontévrault, nas asperezas da Beira, nas campinas da Bretanha.

Alteae as torres, encurvae as arcarias normandas, projectae ás nuvens a agulha dos campanarios. Sollaes os ventos, para que vão es-

voaçar na ramada das florestas proximas, adensae os cyprestes a negrejarem ao lado do convento; filtrae o luar atravez das arvores funereas, até pratear as lousas solitarias e as cruces mutiladas dos sepulchros. Rasgae uma fresta nas paredes ennegrecidas do cenobio e imaginae a luz morticia da lampada contrastando a horas mortas com a tranquillã pallidez do astro da noute. Fazei tanger a campa das matinas com este som melancolico, que se diffunde em gemidos pelas quebradas do valle. Sonhae agora que á janellinha escassamente illuminada responde um dormitorio de arcaria veneranda; ao fundo o altar com as suas columnas salomonicas de talha, apenas visiveis á luz tremula da lampada pendente; sobre o altar a cruz negra, sobre a cruz a alvura da toalha; ali proximo um tumulo embebido no vão da parede, entre dois feixes de columnellos, que sustentam uma ogiva. Aqui e além, destacando do fundo cinzento das paredes as cruzinhas negras de uma devota via-sacra. Ideae um vulto de mulher no dormitorio solitario. Escutae os passos, que no silencio da noite resoam sobre a lage do pavimento, a que responde o ecco no outro extremo da deserta galeria. Aquella mulher é talvez bella, juvenil, apaixonada. Talvez nas litánias piedosas do côro terá involuntariamente intercalado aos hymnos graves e magestosos da liturgia o nome, a memoria ao menos, o desejo, — quem sabe? — do homem, a quem ella amou. Será uma Heloisa, luctando nas macerações da carne, entre as exaltações do amor e a crença da salvação? Será uma La Vallière, que vae abraçar a cruz e estreitar o cilicio para affugentar as memorias criminosas dos seus dias profanos, em que, vendo a seus pés o rei galanteador, brincava ao mesmo tempo infantil e orgulhosa, com o sceptro dos Bourbons?

Imaginae tudo isto, que vos aponto e vêde se não ha sentida poesia n'um mosteiro. Léde uma daquellas cartas admiraveis de Heloisa, em que ora se vos affigura estar ouvindo o espirito de um padre da egreja, a abnegação de um asceta; ora as lagrimas vos inundam involuntariamente o rosto, ao seguirdes no seu vôo desesperado a eloquencia apaixonada da mulher, soltando as blasphemias innocentes de um pobre coração, que espedaça por momentos os grilhões espirituaes e as muralhas da clausura. Pondo em relevo as scenas, que vos desenha a ardente e sensivel abbadessa, levantae dos seus escombros centenarios a abbadia de Heloisa e dizei-me depois se não vos estremecem n'alma as fibras da poesia ao contemplar um mosteirinho perdido na solidão esteril das montanhas.

Com traça semelhante á que deixamos escripta poderia um en-

genho prescrutador architectar a theoria philosophica e transcendente dos *outeiros* e explanar com mais ou menos plausiveis argumentos a sua obscura genealogia. Não quero enredar-me n'estas arduas controversias e deixarei aqui indeciso o ponto, encommendando a juizes mais argutos o decidir se a cohorte dos vates buscou para os seus certames os mosteiros pela mesma razão esthetica, porque nos encanta e commove no *Roberto* a crasta melancolica de S. Rosalia, ou pela razão experimental e practica com que a perspectiva dos ovos-molles fazia enxamear ha mais de um seculo a turba dos freiraticos nos locutorios de opulentas abbas.

Aos *outeiros* de amena poesia succederam bem depressa os *outeiros* de poesia patriotica. Tinha vingado a revolução do Porto. Entrára ovante na capital. Aspirava-se á larga o ar da liberdade. As musas não podiam encontrar melhor ensejo para soltarem cantos, que a suspicacia do absolutismo lhes não quizera até esse tempo consentir. É d'este tempo o *Catão* de Garrett, cadente explosão revolucionaria de um engenho inexperto e juvenil que tomava a toga dos ultimos republicanos para soltar o repto, fácil então, ao que se julgava espirante despotismo. São d'essa epoca tambem os frequentes *outeiros* do theatro lyrico, onde o hymno patriotico entrelaçava as suas estrophes com o rythmo apaixonado de fogosos improvisadores.

Castilho cursou tambem os *outeiros* de S. Carlos. Que poeta, em tempos revolucionarios, não tem sido ao menos uma vez tribuno de sonetos em noites de popular entusiasmo e de republicano frenesi?

A primeira vez que o nosso já então laureado improvisador ostentou a promptidão da sua musa na platéa de S. Carlos, dava-se uma opera nova, a *Cenerentola*. Era a dama a Bressi, a qual convocára aquella noite a mais selecta e numerosa sociedade. Estava a sala cheia; os *dilettanti* a postos, as cabeças ondeavam na platéa, as laçarias e os leques agitavam-se em mil sentidos nas frisas e camarotes. Anceavam todos por escutar a afamada partitura. Castilho, que foi sempre um assiduo frequentador da scena italiana, estava conchegado no seu cantinho, acepilhando talvez algum dos bellos versos das *Cartas d'Eccho*, que por aquelles tempos se compunham em Lisboa. As primeiras arcadas da rebecca, um sentimento exclusivo dominava o auditorio, a curiosidade ou o entusiasmo das harmonias. Os proprios representantes da nação, com suas casacas direitas de sargoga, emblema intolerante do seu intractavel patriotismo, esqueciam a aureola dos seus nomes provincianos e semelhantes

aos senadores romanos nos degraus do amphitheatro, deslembra-
vam a salvação de Roma para alongarem as orelhas parlamenta-
res ás primeiras volatas da cantora.

De improviso tumultuam as cabeças na platéa, volvem-se to-
das na mesma direcção, interrogam-se os visinhos. Chegára ao
camarote o ministro da marinha. De pé, batendo as palmas in-
vocára a attenção do auditorio. A curiosidade tem suspensos os
espiritos, um murmurio quasi unisono percorre a assembléa, en-
fraquece, extingue-se e o silencio mais profundo reina na sala
de S. Carlos. O ministro annuncia então que el-rei D. João VI
jurára solemnemente no Brasil as bases da constituição.

O silencio da platéa rompeu n'uma tempestade de acclamações
e n'um delirio de momentaneos enthusiasmos. O juramento de
el-rei podia ser o primeiro escolho da revolução! D. João VI, homem
pacífico e egoista, não devia amar apaixonadamente as commo-
ções revolucionarias, que são sempre para os monarchas a hu-
milhação da realeza e a intimação de uma vontade hostile á sua.
Mais do que ao rei, a revolução podia com reformas atrevidas
ferir o interesse dos privilegiados e cortezaes. Se el-rei a duas
mil leguas da metropole respondia com o direito divino ás de-
clamações dos constituintes? Se o que em Lisboa era revolução
chegasse ao Brasil rebellião e sacrilegio contra el-rei? Se el-rei
se deliberasse a resistir? Se não jurasse as bases já votadas pelo
congresso e acceitas solemnemente pela nação? Eis ahi os terro-
res, que annuveavam o azul celeste dos idyllios liberaes, em
quanto não chegavam novas do Brasil.

Agora adivinhe-se a rapidez, com que o sentimento patriotico
correria toda a escala das jubilosas manifestações. Vivas á cons-
tituição, vivas a el-rei, parabens sinceros e reciprocos, intimida-
des fraternaes entre desconhecidos espectadores, esperanças de
salvação commum e doirada prosperidade nacional. Um povo,
que se achou pela primeira vez em revolução, é como uma
creança, que no primeiro esforço acima do commum, pensou
achar o segredo da sua força e ser já entrada na dignidade va-
ronil. Orgulhosa com a sua facil victoria, cré então poder exclam-
ar como Napoleão na sublime composição de Victor Hugo—
L'avenir est à moi. Poucos tempos decorreram e o prosaico sobe-
rano portuguez respondia áquelles vencedores ephémeros com a
jornada de Villa franca, soltando a temerosa verdade—*Non, l'a-
venir n'est à personne*. E a monarchia absoluta, como o luctador
extenuado pela velhice, antes do que pela robustez do seu con-
trario, erguia ainda o torso para cair depois na arena ensan-
guentada pelas guerras da verdadeira revolução.

N'aquella noite de excitação febril não admira pois que o estro de Castilho, sonhando assegurado e duradoiro o reinado das liberdades nacionaes, rompesse em torrentes, desaffogando o entusiasmo em versos tão promptamente improvisados, quanto era subitanea a inspiração. Em pé sobre um dos bancos, o poeta juvenil, bate as palmas, pede mote. A turba que ondeava em differentes direcções, volve-se para o vate. Vem o primeiro mote. Responde-lhe um soneto. Applausos universaes cobrem os ultimos versos do soneto. Outro mote, outro soneto, mais inspirado que o primeiro. E assim interpolados os versos com o hymno nacional, correu a noite, sem que a Bressi, humilhada diante da inopinada exaltação, podesse conseguir a minima attenção aos gorgeios e ás cadencias da sua voz.

Á saída o juvenil poeta era festejado por amigos e estranhos. Em triumpho o levaram pela rua. Borges Carneiro, o maior talento que surgio com a revolução, o unico orador, que nas palestras do constituinte rastreou mais de perto a magestade vigorosa da tribuna, conheceu então Castilho, e o mais sincero e ardente evangelizador da nascente liberdade saudou o seu mais canoro e férvido cantor.

Por estes tempos compoz o nosso poeta em Lisboa, onde viera passar as ferias, a sua primeira obra de mais vulto, as *Cartas de Eccho e Narciso*. Em muito poucos dias, ideou e levou a cabo o manuscripto. Fôra sempre desde os mais tenros annos de Castilho a poesia da natureza o enlevo e predilecção do seu engenho. Eclogas, na maneira camoniana, tinha-as escripto aos centos no primeiro tirocinio da sua feliz metrificacção. As imagens campesinas, que sempre foram tão suas favoritas, tivera sobejas occasiões de as receber e poetar nas suas quietas excursões pelas varzeas do Mondego, tão ricas de inspiração pelas formosuras naturaes e pelas amorosas tradições d'antigas eras.

Ha na contemplação da natureza um encanto indefinivel, que tem feito as delicias dos mais altos engenhos, a quem a sensibilidade traz temperada a frieza da razão. Desde Lucrecio até Virgilio, desde Humboldt a Châteaubriand, o aspecto multiforme do universo tem excitado sempre nos philosophos e nos poetas uma fervente adoração, que chegou ás vezes a raiar no pantheismo. O mysterioso *Pan*, que na frauta de sete cannas symbolisa as inexerutaveis harmonias da natureza, teve em Castilho um cultor quasi gentilico e um mavioso sacerdote.

A natureza *artificial* e contrafeita dos nossos bucolicos imitadores desdenhara-a Castilho como uma injuria ás magnificencias da creação. Estas seáras ondeantes ao sopro de Virgilio, es-

tas montanhas contornadas no extremo horisonte segundo os modelos do mantuano, estas arvores recortadas segundo um typo invariavel, este universo convencional, dado quasi como em supplemento ao *Gradus ad Parnassum*, pareciam-lhe indignos da verdadeira poesia descriptiva. E assim como os sabios do renascimento haviam renegado nos dominios da sciencia o incorrecto mundo de Aristoteles, assim tambem Castilho, lançado pela providencia n'um clima opulento de bellas naturaes, julgou, paisagista verdadeiro, dever repudiar nos dominios da esthetica o caduco universo dos bucolicos.

As leituras da adolescencia despertam sempre nos grandes talentos a sua irresistivel vocação. Gessner encaminhou os primeiros vôos de Castilho. A paisagem do Lumiar deixára no vate ainda infantil a paixão instinctiva da natureza. A leitura do bucolico suiso ensinou-lhe a arte de a descrever.

E fôra Gessner, de certo, um dos seus poetas de maior enlevo. Na collecção selecta de poesias allemans vertidas em francez por Huber, achou Castilho quem lhe descerrasse o véo, que até ali lhe tivera encoberto o esplendor e as pompas da natureza poetizada. O entusiasmo de Castilho pelo mavioso cantor da Helvecia, revela-se nas expressões de ardente admiração, com que o saudou no prologo das *Cartas d'Eccho*.

E advirta-se a quanto se arrojava Castilho na empresa que tomava. A penumbra que o trazia condemnado a Providencia, cerrando-lhe quasi os olhos, parecia desvia-lo da musa descriptiva.

Para cantor do sentimento era-lhe o engenho propicio. Para ce-lebrar este mundo intimo, cuja luz divina se irradia dentro em nós, para colorir affectos e paixões e não para esboçar e tingir paisagens e verduras o parecêra eleger a Providencia. Quasi sem vista, quiz ser pintor e pintor, que sobretudo se esmerou nos effeitos opticos e na variedade exquisita da palheta.

Milton cégo traçára as deliciosas paisagens do Eden. Mas creára esta natureza ideal, e transparente, em que a presença do Creador inunda em torrentes de luz divina as scenas sublimes da criação e os amenissimos paineis da vida paradysiaca.

Na dedicatoria do seu poema á mocidade academica da universidade de Coimbra solta Castilho em versos melodosos, inspirados na forma e na cadencia pela assidua leitura de Bocage, o répto do poeta quasi cégo á natureza illuminada e opulenta de matizes. É o Titão arrogante a provocar o universo que lhe quizera roubar o aspecto das suas scenas magestosas.

«Turvastes-me os olhos? Fizestes descer sobre as minhas pu-

pillas o véo que me intercepta quasi a luz? Pois bem. Assim mesmo hei de ir aos picos das vossas montanhas espriar a vista intellectual sobre os vossos infindos horizontes. Hei de surpreender os nevoeiros a toucarem na antemanhãa as cristas das mais levantadas serranias. Hei de tingir de violeta e de oiro os arreboes das vossas madrugadas. Hei de adivinhar a luz vaga e melancolica dos vossos crepusculos. Hei de seguir nos seus meandros os regatos, que se despenham das penedias, e á natureza do universo hei de contrapor, sem a trahir nem affrontar, a natureza da imaginação e da poesia.»

E n'este sentido é verdadeira a sentença de Schelling, quando o profundo philosopho allemão ensina que o homem, o *eu* é só por si o creador da natureza.

As *Cartas d'Eccho*, cuja primeira edição é de 1821, foram acolhidas pelo publico com espontaneo favor e sympathica admiração. Desde que Bocage descêra ao tumulo, deixando na sua rapida existencia o rastro luminoso de um talento superior, cujos vãos originaes foram improvisamente reprimidos, não se haviam escutado versos de mais grata cadencia e melodia.

A fórma bocagiana revelava-se logo ás primeiras linhas do poema. Eram os mesmos dotes de Bocage. A mesma paixão, a mesma impetuosidade de sentimento, o mesmo fogo juvenil, o mesmo entusiasmo nos affectos, a mesma abundancia de imaginação, a mesma fluidez de versos, que pareciam estar brotando em torrentes caudaes, era a mesma estructura musical, a mesma superfluidade dos epithetos, e os mesmos defeitos, que muitas vezes em Bocage faziam vergar a singelleza da idéa sob a vestimenta recamada de pedrarias e de ornatos.

É a fabula de Narciso a mais desnatural de toda a grega mythologia, se por mytho philosophico a não houermos de aceitar. É a paixão da mulher, volvida em delirio dos sentidos, a luctar com a insensibilidade do homem, tornada em loucura da castidade. Em todas as fabulas poeticas da antiguidade classica só ha dois entes, que representem o desprezo do amor. Narciso e Diana. Mas Diana, invocada sob o epitheto de casta, não foge inteiramente nas selvas á fascinação do amor. Endymião protesta contra a innocencia da tantas vezes esquiva divindade. Mas Narciso é, para as idéas do paganismo, para a religião inteiramente sensual da antiguidade, um escandalo sem nome.

Castilho, tomou á sua conta vingar o vituperado caçador. Estranho paradoxo! Elle, o poeta, todo amor, todo sensibilidade, elle o cultor e o cantor da mulher, elle apaixonado talvez por alguma Eccho menos expansiva, tenta defender a in-

tractavel austeridade de Narciso. Os mais piedosos cenobitas teriam suado sangue para resistir ás amoraveis tentações, ás lagrimas ardentes, ás supplicas ternissimas da nympha sentimental: S. Antonio e S. Hilarião, teriam saído vencedores, mas depois de escudados pela graça, o proprio Origenes teria succumbido, e o moço, a quem andavam presentes os máos exemplos de Jupiter, e os escandalos domesticos do Olympo, d'esta corrupta Versalhes dos immortaes, affrontaria impunemente os dois maiores poderes da terra, a natureza e a formosura?

Castilho, que se encontrasse um Narciso imberbe de gorro e de batina no pateo da universidade, entrincheirado no *novo methodo*, como o outro no incansavel exercicio venatorio, fugindo esquivo e affrontado aos requebros de uma *tricana*, lhehouvera descarregado uma trovoadade de improperios, acha razões e versos com que restituir o filho de Cephiso aos fóros de extremado cavalleiro.

Em vão a affectuosa Eccho lhe procura incender a imaginação com as mais formosas pinturas do amor. Em vão lhe offerece n'uma prelibação ideal e apaixonada os dulcissimos prazeres da vida conjugal, e lhe prophetisa as delicias do amor paterno, e lhe enflora o thoro nupcial, e lhe promete na existencia umá festa interminavel de alegrias intimas e de inexgotaveis affeições. Em vão ella supplica, exora, obsecra. Em vão entalha nos choupos e nas faias as lacrymosas inscripções do seu amor tão ferinamente despresado. Narciso, o ideal do celibatario, a exaggeração do egoismo, a louca idolatria de si proprio, escuda-se com os sophismas da razão contra a eloquencia do amor e contra a soberania da natureza.

Hoje Castilho desdenha um pouco o poemeto dos seus primeiros annos de vigor intellectual. Quasi lhe consagra apenas este amor frio de um pae aos fructos da sua verde adolescencia. A outros filhos queridos, e legitimos, os amima e estremece. Mas o poeta é nimiamente severo com a sua mimosa producção.

As *Cartas d'Eccho* são a primeira despedida da graciosa e amena poesia pastoril. As nayades e as dryades para apparecerem na vespera da sua proscricção, desthronadas pela musa romantica, enfeitam com maior empenho a nativa belleza, toucam e entrançam de flores mais recedentes e mimosas as madeixas louras e ondeantes, como um rei antes de abdicar, diante da revolução compõe o manto e releva o esplendor da magestade, como o sol a ponto de esconder-se no horizonte, se coróa de resplandores e annuncia em pictorescos e matisados arreboes as melancolicas tintas do crepusculo.

As *Cartas d'Eccho* são um verdadeiro romance intimo, com todos os defeitos d'este genero de litteratura. É a gamma do amor percorrida em todas as suas combinações. O poeta tem apenas para compor o seu romançe duas côres fundamentaes — o amor da mulher, e o enlevo da natureza. D'aqui provém, apesar de todos os primores da imaginação, de todas as voluptuosidades do estylo, de todas as cadencias da metrificação, uma certa pallidez de monotonia, que desbota um pouco a frescura das paisagens e resfria com o ar das paixões de convenção a athmosphera tropical, em que respira a nympha desprezada.

O poema tem comtudo innumeraveis formosuras. Tomemos o amor de Eccho como o pretexto do romance, e admiremos o que elle encerra de paineis deliciosos e de coloridas e frescas descrições. É como se entrassemos n'uma galeria da mais pura escola flamenga na verdade e na correcção dos seus paizes. N'esta ridente pinacotheca, onde as télas sorriem luz e harmonia, ha uma mulher contrastando na tempestade do seu amor com a limpidez dos ceos, com o azul-ethereo das montanhas, com a aveludada relva das campinas, com a lympha espelhada dos regatos, com o perfume ineffavel, com que a natureza virgem em-balsama o seu leito de verdura.

Pesam-vos e amargam-vos as tradições mythologicas? Não vos apraz misturar com a natureza o encanto da musa classica? Sentís o coração pouco doído com as amarguras de Eccho? Pois bem. Tiree da scena a amante e ficar-vos-ha a natureza para vos re-crear a imaginação no poema de Castilho.

Como é mimosa a descripção da festa de Venus na setima das *Cartas!*

Sente-se toda a singela amenidade da musa grega na descripção da gruta d'Eccho, quando a nympha pretende fascinar o seu Narciso, com a eloquente hypotypose da sua pequenina e flórea habitação.

Adivinha-se aos primeiros versos o valente metrificador, o poeta sensivel, o pintor imaginoso, ao ler o episodio da *Ilha das Graças*.

As *Cartas de Eccho* apesar das suas imperfeições, teriam sido por si sós um honroso documento de felicissimo engenho poetico. Castilho, não era ainda chegado, ao escrevel-as, áquella admiravel elasticidade de versificação, em que elle primou depois entre todos os seus contemporaneos; não conseguira ainda aquelle vigoroso colorido, que tornou depois afamada a sua palheta,

* Vejam-se no fim desta biographia as notas, que a hão de seguir.

aquella riqueza de vocabulario, de que deu mostras nas suas graciosas trasladações dos poetas romanos, aquella quasi instinctiva facilidade de estatuario no manusear e relevar, tornando-a obediente aos caprichos da inspiração, a linguagem, a materia plastica da poesia.

Os epithetos nas *Cartas d'Eccho* revelam o influxo, que Bocage exercera em leituras precoces no animo de Castilho. Os versos quasi sempre cheios de vehemencia e melodia, caem ás vezes no artificio, demasiado transparente, com que Elmano corrigia por uma arte ociosa as nativas opulencias do seu engenho. A accentuada partição do verso em hemistychios, que são como reflexos um do outro, belleza original nos metros heroicos de Bocage e de Castilho, chega ás vezes pela sua repetição exaggerada a raiar em affectação de conceito, embora o ouvido se comprasa nos effeitos sensuaes d'esta engenhosa disposição.

Dissemos que D. João VI jurára as bases da constituição democratica, projectada pelo congresso das Necessiades. El-rei, com esta obrigada facilidade e violentada complacencia, com que os reis acceitam as revoluções, sancionára com o seu tão festejado juramento o movimento popular. Como um dos aggravos, que haviam provocado o povo, ou os seus tacitos representantes, era a ausencia da córte no Brazil, ao juramento de D. João seguiu-se o seu regresso a Portugal. Deixaremos aqui de referir as graves e prolongadas discussões, a que o augusto congresso correu para formular o ceremonial do desembarque e conciliar quanto possivel a magestade da corôa com a soberania da nação. Legaremos este encargo aos historiadores de uma época ainda quasi virgem para a historia, e diremos apenas n'este logar que el-rei saudou finalmente, depois de anciosamente esperado, as praias, que havia quatorze annos abandonára, para levar longe da Europa os penates da sua gloriosa dynastia, humilhada perante as aguias imperiaes.

O sr. José Feliciano de Castilho voltou á patria, no sequito de el-rei. Achava os filhos já mui adiantados no curso de differentes faculdades. Antonio Feliciano em canones, Augusto Frederico em theologia, José Feliciano em medicina e em mathematica o desventurado Alexandre, espirito brilhante e vivacissimo, que lutou tão rijamente com o sepulchro antes de totalmente desaparecer. Era uma familia toda litteraria, onde as sciencias, e as letras ficavam repartidas pelos seus differentes membros, uma domestica universidade, onde achavam representantes e cultores todas as provincias do saber.

O chefe d'esta dynastia de poetas devia retomar a sua cadeira na

faculdade de medicina. Para Coimbra partiu a familia inteira, assentando ali devez o seu domicilio, que até então fôra em Lisboa.

A casa onde se foi estabelecer esta familia patriarchal ficava proxima ao arco de Almedina. Era este arco nos tempos de Coimbra antiga uma das portas, por onde da velha cerca da cidade se saía para a campanha. É a sua architectura mourisca, segur^o indicio da sua remota antiguidade e de quaes foram os seus edificadores. As suas grossas portas chapeadas de ferro denunciavam o intento defensivo, com que haviam sido collocadas. Ao pé do arco demoravam as casas, que serviam a Castilho de habitação, contiguas egualmente aos paços do concelho. Era a casa de feição antiga e veneranda e como que moldada para servir de abrigo a um poeta. Não sabia dizer-se com certeza se a dominava o aspecto sombrio de um castello ou a austera gravidade de uma abbadia. Tinha talvez reminiscencias de alcaçar e de mosteiro. A imaginação romanesca e scismadora podia á vontade povoar a crasta deserta de espectros monachaes, ou escutar o som metallico das esporas e das grevas, accordando-se em unisono com o som repercutido nos pavimentos de tijolo. Um terreno espaçoso dividido em tres quintaes temperava com as alegrias da vegetação a grave melancolia do edificio.

Tornem^{os} á casa de Castilho. Do lado dos quintaes, seguia-se uma construcção, monumental pelas recordações de que se tecia a sua lenda, e então pelas injurias do tempo mui decaída de seu antigo esplendor. Era chamada a casa de Sobripas. Devera ter sido acastellada pelos guerreiros moradores, que a deixaram memoravel. As paredes ennegrecidas zombavam, com a irresponsabilidade das ruinas, de todos os protestos concelhios e da edilia civilisação dos almotacés conimbricenses. Fôra, segundo resa a tradição, nos primeiros secul^{os} da monarchia residencia de templarios.

As janellas projectadas em ogiva, os columnellos esguios, os relevos mutilados, que decoravam aquelles muros seculares, attestavam ainda que mão de ambiciosos e altivos cavalleiros havia guiado pará antigas magnificencias o estylo do architecto e o cinzel do escultor. Das scenas, que ali se haveriam succedido, quando os monges-cavalleiros desfraldavam o penhão da cruz vermelha sobre sua mansão privilegiada, não achamos memoria nos annaes. O que a tradição parece vincular ao edificio é um dos mais sinistros dramas, que registou a historia nacional. Ali viveu D. Maria Telles, e ali o desnaturado infante, surprehendendo no leito a timida consorte, tingiu n'aquelle sangue illustre o punhal de cavalleiro desleal.

Ali foi o theatro d'aquelle tragico successo, que Fernão Lopes, na chronica de D. Fernando, quasi chegou a dramatisar, com o animado e desambicioso colorido das suas descripções e com a primitiva ingenuidade das suas narrativas.

Outras lendas se accomodavam á casa de Sobripas, misturando-se as invenções do maravilhoso popular, como sempre acontece em monumentos, ás tradições, que tinham fundo de verdade. Corria entre a gente da cidade que uma galeria subterranea seguia desde ali até o rio.

Imagine o leitor que inéxgotavel manancial para scismar de poeta em dias de sesta, meio-dormida n'este sonho espiritual, que os francezes chamam *rêverie*, em horas de calma, perdidas á sombra das arvores do jardim. E Castilho muitas vezes devaneava no seu pequeno Trianon. E a casa dos Templarios amostrava-lhe n'um diorama de phantasia os mouros, primeiros habitantes do edificio, as mouras, que ali deveram jazer ainda encantadas na mysteriosa galeria; depois os torneios e as algarras da arrogante milicia do Templo; depois o espectro da formosa Maria Telles, obsecrando os ceos contra o seu desalmado matador. E depois d'estas memorias da idade media, depois d'estas scenas, que se podiam poetisar? Depois dos mouros, das mouras, do mestre D. Gualdim Paes, do mestre D. Pedro Alvitis, do infante D. João, da poetica Maria Telles? Depois? O padre José Fernandes! Eis-ahi em que pára a poesia, eis-ahi como é o ultimo elo da cadeia historica, eis-ahi qual é o ultimo representante de um morgado de heroes, eis-ahi em que vem a parar as glorias d'este mundo, as alcaçovas soberbas, as *perceptorias* do Templo, os furores do infante e os suspiros de Maria Telles. No padre José Fernandes; soldado do templo, mas soldado pacifico como um cordeiro paschal, jovial como uma creança, incapaz não só de matar Maria Telles, mas de comprehender como alguém podesse applicar o ferro frio que não fosse em sacrificio ao paladar, como uma tragedia podesse achar outro theatro que não fosse alguma populosa capoeira.

Caimos dos templarios no padre José Fernandes com a mesma naturalidade, com que se passa dos soberanos da raça merovingia ainda heroica e vigorosa para os reis apellidados *fainéants*, com que nas memorias de uma casa illustre descemos d'um barão feudal, que primou em matar sarracenos nas cruzadas, até o seu ultimo representante, que feito hoje agricultor engorda bois da raça charolesa na gleba hereditaria da sua gloriosa baronia.

É porque o padre José Fernandes era o actual habitador da casa de Sobripas.

Mas quem era o padre José Fernandes, perguntará o leitor impaciente, e que ha de commum entre o novo morador de Sobripas e o inquilino illustre da casa d'Almedina?

O padre José Fernandes de Oliveira Leitão de Gouvêa era um sincero amigo de Castilho e apesar da differença das edades, ameno e festivo contubernal do cantor da *Primavera*. Era já de maduros annos, mas conservára de uma feliz e descuidosa mocidade todo o frescor do espirito e da infancia uma quasi ingenuidade pueril. Exercendo o magisterio do latim, soubera esquivar-se ás tentações do pedantismo, e na má companhia dos grammaticos, creaturas damnosinimas a toda a genial e castiça poesia, aprendêra o officio, sem adoptar a *morgue do novo methodo*, a mais abominavel e insoffrivel de todas as *morgues*, contando mesmo a do conselheiro official de secretaria e a do mercieiro remediado, que pela primeira vez meneia o bastão de regedor.

J. M. LATINO COELHO.

CHIRONICA



Hoje riso, amanhã prantos! hoje esperanças, amanhã saudades! hoje as palmas festivas, amanhã o ramo de cypreste! hoje a luz amanhã a sombra! hoje a revelação de um talento, amanhã o desaparecimento d'outro!

A revelação está nos *Martyrios Obscuros*, que hoje publicamos; o desaparecimento atesta-o *Uma Rainha no Seculo XIX*, que illustra o terceiro numero do segundo anno da *Revista Contemporanea*.

Choremos primeiro o desaparecimento.

Morreu D. Catharina Alvares d'Andrada! Deixou ao nosso jornal um legado precioso. A ultima pagina! a derradeira manifestação de seu bello talento! Tributámos-lhe então a merecida admiração; prestamos-lhe agora respeitoso culto. Era então uma dadia honrosa; tornou-se agora uma memoria sagrada.

Quando annunciámos a sua reaparição nas lettras, mal pensavamos nós que, pouco depois havíamos de consideral-a uma despedida! Raiou aquelle momento antes de sumir-se para sempre! O pensamento talvez da morte, acordou-lhe a imaginação, reanimou-lhe a vontade, resuscitou finalmente a escriptora! N'esta missão se revelára a nós, n'esta missão quiz deixar-nos o ultimo adeus! Adeus intimo! adeus saudoso! adeus eloquente!

Foi trabalhosa a sua vida; mas por isso mesmo digna de maior respeito e sympathia. Luctou contra a adversidade, sem nunca esmorecer, e vencendo-a pela resignação. Nascera como todos os espiritos superiores, fadada para amar e soffrer. Cumpriu o destino.

A sua vocação, o seu inlevo, e seu culto, eram as lettras; mas vio-se forçada a abandonal-as. Não lhe bastavam para viver, e precisava viver. Cruel e doloroso sacrificio foi aquelle para o seu coração, mas, enchugando as lagrimas, affrontou-o resoluta. Os thesouros de illustração que tanto lhe custaram a adquirir, o que destinava ás suas producções litterarias, resolveu empregal-os na educação da mocidade. Depoz a penna aparada para novos trabalhos litterarios, e foi ensinar o que sabia, que era muito. N'esta evangelica missão gastou os ultimos annos da sua vida, não deixando todavia de consagrar as horas vagas ao estudo e á leitura das modernas publicações tanto

nacionaes como estrangeiras. Estava em dia com a nossa litteratura e conhecia tudo o que havia de bom n'ella.

Bulhão Pato merecia-lhe verdadeira afeição, e era quasi sempre a elle que revelava as suas impressões sobre os nossos melhores escriptores, que muito presava e devidamente julgava. Diz o mimoso poeta da *Paqueta* que as suas apreciações envergonhavam a maioria das analyses criticas que por ahi apparecem. O nosso poeta tambem sentia intima predilecção pela illustre escriptora, e como não havia de ser assim se encontrára n'ella uma alma que o entendia, além de o estimar.

D. Catharina Alvares d'Andrada falleceu em S. Thiago do Cacem, em casa do ex.^{mo} sr. Jacintho Paes de Mattos Falcão, que lhe havia incumbido a educação de suas filhas. A escolha foi tão acertada como lisongeiros os resultados. Infelizmente a morte roubou-lhe uma das discipulas quando já os dotes cultivados do espirito lhe realçavam a belleza. Foi uma dôr tremenda que ha de sangrar sempre no coração dos paes, e que se aviva a cada instante na contemplação da irmã, retrato fiel e exacto, do que hoje seria a outra. Pobres paes! Agora, só entre lagrimas vos é dado sorrir! Chorai e sorride que para ambas as coisas tendes motivo, e ambas consolam!

A mestra soffreu igualmente profundo golpe com este acontecimento. Era tambem sua filha: a educação confere uma segunda maternidade. Mezes depois a outra discipula, — a outra filha, — chorava sobre duas sepulturas!

A nós cumpria-nos tambem depôr uma saudade no tumulo da auctora de *Uma Rainha no Seculo XIX*, e tributar a devida homenagem á sua memoria. Tentámos pois fazel-o n'estas linhas.

Agora a revelação.

Está nos *Martyrios Obscuros*, e vamos provál-o. Ha mais interesse, mais valia do que pensam, n'aquelle romance tão singelo e tão sentido, que impressiona profundamente e commove devéras. Haviam de reparar que está modestamente firmado por duas iniciaes. E não as advinharam, iamos apostar. Nem é facil, pelo que valem e pelo que escondem. Valem um grande talento e escondem uma senhora! Mas, o nome? dirá o leitor. Esse é segredo, segredo que já o elegante folhetinista da *Revolução de Setembro* guardou, e que o chronista da *Revista Contemporanea*, tambem guarda. Bons modelos e bons exemplos seguem-se sempre. Ambos mereceram igual e inteira confidencia; um ha de ser tão digno d'ella como o outro foi. Tenham paciencia os leitores em concederem este privilegio ao folhetinista e ao chronista, que é um privilegio do officio, e d'esta vez tambem um privilegio da amisade.

Antes de nos brindar com o lindo romance com que enriquecemos as paginas d'este numero do jornal, A. A. já havia dedicado um folhetim no *Amigo do Povo*, a Julio Cesar Machado, que, mais tarde arguido por um collega e amigo de não lhe haver respondido logo, traçou a sua justificação n'estas admiraveis e expressivas linhas:

«Não lhe respondi nada, não; não lhe respondi nada, é certo; áquelle gentil espirito que abateu as azas um instante para vir saudar-me á terra, que querias tu que eu dissesse na minha prosa inconsiderada e leve de folhetinista?»

«Acatam-se os genios; os martyres adoram-se: eis o que eu faço, meu amigo, quando a minha alma presente que ha grandeza demais n'uma dôr para a insultar consolando-a em pleno folhetim, ao passar com um sorriso do theatro lyrico para o Gymnasio. Que queres? A dôr, a meu vêr, é a mais augusta propriedade de cada um. Só ella é bem nossa. Tudo o mais, — as nossas alegrias mesmo! são alheias quasi sempre!....

«A uma senhora que eu tive o prazer de admirar tantas vezes em Lisboa pelos duplos titulos da sua formosura e do seu talento; que, um dia, eu vi partir inesperadamente suffocada em lagrimas; de quem, tu proprio, além da imprensa inteira, me dêste noticias da sorte fatal que a opprime, — o que havia eu de responder, quando de repente um raio supremo d'aquelle espirito veio illuminar o meu nome? Os segredos da sua desventura teem de certo, direitos sagrados. Ninguem levanta o veu do mysterio se não rasgando-o, — e eu não me atrevi a tocar no seu. Póde a gente julgar-se feliz em quanto espera; mas, chegada a uma certa situação, a menor phrase accorda um presentimento doloroso, uma vaga tristeza que quebra ainda mais o encanto da vida: a datar d'esse dia entra se no inexoravel periodo da desgraça, — e eu tive medo, amigo, tive medo e dó de ir lastimal-a!...

Ha nas palavras de Julio Cesar Machado uma quasi revelação. Complete-a, quem poder ou souber, com aquelles dados, que da nossa parte, não damos mais esclarecimento algum.

Leiam os *Martyrios Obscuros*, que são uma pagina solta d'aquella vida torturada e angustiosa, mas cheia de abnegação e rica de sacrificios. Ali transparece a dor que a agita e transluz a chamma ardente que lhe devasta inteiro o coração! Ama e cré, como só cré e ama uma alma elevada e uma imaginação vigorosa e esplendida!

Imitem-n'os pois. Respeitem a martyr e admirem-lhe o talento. São duas coroas que lhe adornam a fronte, tão sagrada uma como radiante a outra!

Aventuremo-nos em seguida no mundo artistico onde não faltam obras para mencionar, e obras de subido valor. O retrato de mad. Pinaud, pintado pelo sr. Rodrigues, é o primeiro que se nos apresenta diante dos olhos. Vamos pois a descrevel-o.

Mad. Pinaud está vestida á Luiz xv, reclinada elegantemente n'um sophá de veludo carmezim e firmando os pés n'um banquinho tambem de veludo carmezim. Á direita do sophá está uma jarra grande da India cheia de flores, e cobre o fundo uma vasta cortina amarella. A figura é do tamanho natural assim como o resto dos accessorios que se observam no mesmo plano. Será isto um retrato ou um quadro de phantasia? Reune ambas as coisas, satisfazendo todavia mais á primeira que á segunda. E não podia deixar de ser assim. Se o capricho levou o modelo a alterar o natural a copia havia por força de imital-o, reproduzindo convencionalmente, o que era de convenção. Nas linhas do rosto ha similitude e exactidão, denunciando logo o original; no colorido porém das faces ha exaggeração, ou para melhor dizer, ha verdade, mas é na pintura da *pintura*. Os pós de arroz, o carmim, o empoado da cabelleira, e todos os mais arrebiques propios da época mudam a physionomia e alteram as feições. Por isso o retrato de mad. Pinaud não satis-

faz tanto, como outros muitos sahidos do pincel do sr. Rodrigues, os quaes merecidamente lhe conquistaram o titulo do nosso primeiro retratista.

Prima todavia o quadro, e é este o nome que verdadeiramente lhe cabe, no bom desenho de figura, no esmero dos accessorios, no vigor e brilho das tintas, na bella carnação do peito e braços, na transparencia das rendas, e no bem lançado das prégas do donaire. A cor do vestido, que é branco, prejudicou o artista, que de certo lhe duplicaria o effeito da obra se fora d'outra cor, azul, por exemplo. Devemos porém confessar que o sr. Rodrigues venceu uma grande difficuldade, conservando apesar desta exigencia que lhe fizeram, tamanha harmonia no quadro.

O sr. José Rodrigues era já considerado um dos nossos mais brilhantes talentos artisticos, e este trabalho veiu confirmar-lhe e engrandecer-lhe a reputação.

O quadro que se segue para mencionar é um quadro historico, representando: *O cardeal D. Henrique recebendo a noticia da batalha de Alcacerquibir*. É pintado pelo sr. Marciano Henriques da Silva, natural da ilha de S. Miguel, que depois de haver estudado em Londres e Paris, foi para Roma aperfeiçoar-se na carreira que escolhera, observando os grandes modelos. E foi de Roma onde actualmente reside que mandou este quadro.

A composição apesar de singela é magestosa. A phisionomia do cardeal tem boa e natural expressão, denunciando a profunda tristeza e acerba dôr que lhe devia causar tão infausta nova. Todo o desenho é em geral correcto e brilhante o colorido. Ha, pois, tudo a esperar de um artista que junta a uma bella vocação o empenho de cultivar-a, e que a cultiva rodeado das obras primas da arte.

Eis-nos agora no *atelier* do sr. Annuniação onde vimos concluidos os dois quadros, cujos esboços annunciámos n'uma das nossas chronicas. São duas paizagens; a primeira figura um campo ligeiramente accidentado que se eleva sobre uma estrada. Uma vacca em escorço occupa o primeiro plano, tendo proximo della sentado na borda do vallado um aldeão conversando com uma aldeã que está de pé. Do outro lado vê-se uma cabra em cima de um monte e dispondo-se para o saltar. No fundo pasta um rebanho de ovelhas. Mas no que prima esta composição é nos longes que são magnificos e de surpreendente effeito, realçados pela nevoa que desce sobre o horisonte. A excellente distribuição da luz, e a viva do colorido, dão ao quadro uma harmonia tão suave que impressiona e captiva logo á primeira vista. No desenho dos animaes ha a correcção e verdade que nunca faltam ao sr. Annuniação,

A segunda paizagem representa um ribeiro correndo mansamente entre arvoredos. Um campino, montado n'uma egua e segurando outra, dá-lhes de beber. Perto está um potro. É esta a primeira vez que o sr. Annuniação tentou a pintura do gado cavallar, e a tentativa foi o mais lisongeira possível. Ha muito tempo que nós pediamos ao talentoso artista que ensaiasse este genero, pois estavamos convencidos que havia de colher excellente resultado, e não nos enganámos. Folgamos devéras em poder agradecer-lhe a condescendencia, depois de lhe haverem mostrado os louvores que já recebeu na imprensa diaria que era acertado e sincero o nosso pedido.

Nesta terra em que hoje predomina nos governos a mania de mandar lá fóra estudar, inventando aptidões e conveniencias, ainda nenhum se lembrou de propor ao sr. Annuniação que fizesse uma viagem até Paris. É que um afilhado politico tem mais valimento para elles que um talento provado. Isto custa a crêr; mas é assim. Pois cuidam os leitores que a maioria dos nosses homens de estado julgam um pintor bom acima de um eleitor soffivel? De certo que não. Mas deixal-os, se o presente é dos que trabalham para si, o futuro fará justiça aos que trabalharam para gloria do seu paiz.

Todavia, é bastante para sentir que o sr. Annuniação não tenha já ido a Paris vêr e admirar as obras de Troyon e Rosa Bonheur, os mais afamados cultores do genero, profundando deste modo os seus conhecimentos artisticos, para ainda mais enriquecer a galeria nacional.

Neste numero tambem offerecemos aos nossos assignantes uma gravura do sr. Annuniação, que consideramos a mais delicada e mimosa da sua collecção.

Resta-nos inscrever na chronica os acontecimentos theatraes. Foi um delles a apresentação de João Caetano dos Santos, na scena do theatro normal. Não lhe pertencem as honras que se conferem ás grandes celebridades artisticas; mas cabem-lhe os louvores com que se animam as boas vocações. Aquellas tributam-se unicamente ás Alboni, ás Ristori, ás Stoltz, aos Listz, aos Levassor, aos Thalbeg, por que manifestam o esplendor do genio e symbolisam a perfeição. É por tanto uma distancia que a critica deve reconhecer e acatar. Se o não faz prejudica-se, e prejudica muita vez o artista.

João Caetano dos Santos é um actor de talento e o publico applaudiu-o sinceramente por que lh'o reconheceu. Depois, era um hospede, e um hospede que havia prestado relevantes serviços aos nossos irmãos no Brazil. Todas estas condições asseguravam-lhe o triumpho, e obteve-o completo.

Diremos agora as nossas impressões francamente. João Caetano dos Santos é, repetimos, um actor de talento, mas da mesma escóla a que pertence o drama que escolheu para se apresentar entre nós. que foi a *Dama de S. Tropez*. Na data desta producção, que é muito antiga, está a data da escóla dramatica de João Caetano dos Santos. Apesar do theatro no nosso paiz não haver chegado ao aperfeiçoamento da escóla moderna em França, apresenta já um reflexo dessa escóla, ostentando mui lisongeiro adiantamento, que bastante concorreu para mais sensivel tornar a declamação do artista brasileiro.

No desempenho da *Dama de S. Tropez*, teve João Caetano bellos momentos e excellentes rasgos, que lhe promoveram espontaneos applausos, e justificaram o seu incontestavel talento. Falta-lhe porém a naturalidade na palavra, a justesa nas intenções, o mimo na dicção. Nos lances afflictivos e nas situações violentas é que mais brilna; no dialogo tem pouca verdade e muitas incorrecções.

Depois de lhe notar os defeitos e as qualidades, concluiremos sustentando o que dissémos, que o sr. João Caetano dos Santos é uma vocação brilhante e um talento verdadeiro, mas está longe de ser um artista modelo.

ERNESTO BIESTER.